



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SER E SENTIR-SE PAI PELA PRIMEIRA VEZ

VITOR CÉSAR BENTES DA COSTA FERREIRA

MANAUS-AM

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SER E SENTIR-SE PAI PELA PRIMEIRA VEZ

VITOR CÉSAR BENTES DA COSTA FERREIRA

Orientador: Marck de Souza Torres

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre
em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas no
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

MANAUS-AM

2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F383s	Ferreira, Vitor César Bentes da Costa Ser e sentir-se pai pela primeira vez / Vitor César Bentes da Costa Ferreira . 2024 75 f.: il.; 31 cm.
	Orientador: Marck de Souza Torres Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicológicos e Saúde) - Universidade Federal do Amazonas.
	1. Pai. 2. Parentalidade. 3. Revisão. 4. Pesquisa Qualitativa. I. Torres, Marck de Souza. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SER E SENTIR-SE PAI PELA PRIMEIRA VEZ

VITOR CÉSAR BENTES DA COSTA FERREIRA

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Marck de Souza Torres

Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Presidente/Orientador

“Uma razão a mais, por conseguinte, para definirmos a justiça como consistindo em conservar o que é seu e fazer o que lhe compete.”

Platão

“Aventurar-se causa ansiedade. Não aventurar-se é perder-se. Aventurar-se no mais pleno sentido, é estar consciente de si mesmo.”

Søren Kierkegaard

“Desde que me cansei de procurar, aprendi a encontrar; desde que um vento me opôs resistência, velejo com todos os ventos.”

Friedrich Nietzsche

“Porque o único sentido oculto das coisas é elas não terem sentido oculto nenhum.”

Fernando Pessoa

“Nasce um novo sol a cada dia.”

Heráclito de Éfeso

AGRADECIMENTOS

No fim, tudo que temos somos nós mesmos, nossas lembranças, nossos esforços, nossos amigos e nossa esperança. Por mais difícil que tenha sido essa jornada que chega ao fim, posso olhar para mim mesmo, ver o quanto cresci, o quanto doeu e o quanto tornei-me frutífero.

Agradeço a Deus, por todo entendimento, inteligência e sabedoria ao longo dessa viagem. Nunca perambulei sozinho, sempre alcancei bons destinos, pois andava nas pegadas de bons passos.

Aos meus pais, pelo apoio e força no início desse percurso.

À minha irmã Ana, por suportar meus intensos e constantes debates filosóficos.

À minha família, que não dispensou apoio, auxílio e admiração.

Aos amigos que cuidaram de mim como filho.

Aos amigos da graduação, pelas risadas e cumplicidade.

Aos verdadeiros amigos da minha turma de mestrado, pela honestidade e companheirismo.

Aos amigos de outros programas de pós-graduação, pelo amadurecimento recíproco.

Aos amigos que conheci nas aulas do mestrado, pelas ambições partilhadas e pela inspiração conjunta.

Aos amigos do fim de semana, que atentamente me ouviam, me admiravam e me impulsionavam a crescer.

Aos amigos que estão na graduação, que conheci nas salas da Fapsi em ocasiões diversas, pela admiração e presença.

Ao meu orientador, Marck, por me impulsionar a amadurecer, mesmo que nem sempre consciente disso.

Aos meus professores do PPG, pela paciência e dedicação.

RESUMO

A parentalidade paterna engloba como o pai atende às necessidades infantis, estipula limites, concede autonomia e promove habilidades na criança. Essa dissertação se dividiu em dois estudos: uma revisão de escopo da literatura nacional e um estudo qualitativo. A revisão de escopo objetivou investigar as evidências brasileiras sobre a parentalidade paterna. Foi realizado um levantamento nas bases de dados Scielo, Psyc, IndexPsi e Lilacs, de estudos realizados entre 2018 a 2023. Dos 201 estudos encontrados, 20 atenderam aos critérios de elegibilidade. Os resultados evidenciaram que, para além da provisão financeira, o pai promove o desenvolvimento infantil numa relação afetiva recíproca, com estratégias disciplinares, exploração do ambiente e socialização, somados à corresponsabilidade das funções parentais com as mães, e pela presença de uma rede de apoio. O estudo qualitativo teve por objetivo investigar de que forma a diferenciação de self influencia a parentalidade de homens primíparos. As narrativas de dois homens primíparos foram coletadas por meio de entrevistas episódicas e analisadas segundo a Teoria Sistêmica de Bowen. A análise resultou em três temas: ‘felicidade paterna’, ‘indiferenciação-diferenciação parental’ e ‘diferenciação intergeracional’. Esses temas evidenciaram a felicidade paterna diante do crescimento do filho, da consolidação de vínculos mútuos e do gerenciamento do estresse; a necessidade de evitar a parentalidade coercitiva e o descontrole emocional e de estimular a autonomia infantil e o compartilhamento de controle parental com a mãe; e, tendo em vista sua história de criação, a busca por uma paternidade participativa e afetiva, e por figuras parentais que prezem pela autonomia e pertencimento entre pais e filhos. Enquanto limitações, no estudo 1 houve a necessidade de refinar as estratégias de busca, identificando outras possíveis experiências masculinas na parentalidade. Já no estudo 2 os critérios de inclusão deixaram de acolher outras perspectivas paternas; houve a ausência de vínculos iniciais com os participantes, que resultou em desistências no recrutamento; o uso de videochamadas ao invés de entrevistas presenciais, que podem ter afetado a qualidade e a liberdade de entrevistado e pesquisador durante a entrevista. Conclui-se que os achados que ambos os estudos podem ser valiosos para pesquisas sobre paternidade e masculinidade, na medida em que podem elucidar os contornos em que o homem sente, cuida, dá valor às pessoas em sua vida e se reconhece em sua própria história. Palavras-chave: pai; parentalidade; revisão; pesquisa qualitativa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras do Estudo I

Figura 1: Fluxograma da revisão de escopo.....19

Quadros do Estudo I:

Quadro 1: Caracterização dos artigos da revisão de literatura.....20

Quadros do Estudo II

Quadro 1: Dados sociodemográficos dos participantes.....37

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
Referências.....	15
Estudo I	19
Parentalidade paterna no Brasil: Uma Revisão de Escopo.....	19
Resumo.....	19
Introdução.....	19
Método.....	20
Resultados.....	22
Discussão.....	27
Considerações Finais.....	31
Referências.....	32
Estudo II.....	35
Parentalidade Paterna e Diferenciação de Self: Narrativas de Homens Primíparos.....	35
Resumo.....	35
Introdução.....	35
Método.....	39
Delineamento.....	39
Participantes.....	39
Instrumentos de Pesquisa.....	40
Procedimentos.....	41
Análise de Dados.....	42
Resultados e Discussão.....	42
Limitações.....	53
Implicações Clínicas.....	54
Implicações de Pesquisa.....	54
Conclusão.....	55
Referências.....	56
CONCLUSÃO GERAL.....	63
ANEXOS.....	66
Anexo 1. Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa- UFAM.....	66
Anexo 2. Email da submissão do artigo em periódico científico.....	74
Anexo 3. Link do Google Drive com as transcrições das entrevistas.....	75

APRESENTAÇÃO

A presente dissertação tem como origem a experiência do pesquisador como estagiário no Centro Judiciário de Soluções de Conflitos e Cidadania (CEJUSC- Polo Avançado) durante os estágios finais da graduação em Psicologia. Ele pôde entrar em contato com as tramas e desafios da família no contexto do divórcio e separação conjugal, segundo o viés da Teoria Sistêmica. Diante disso, nasceu o desejo de se dedicar à Teoria Sistêmica e a Clínica de Família.

Porém, a Teoria Sistêmica esteve presente de modo sutil e instigante em pequenos momentos durante a graduação em psicologia do pesquisador. Além de textos como a história da Terapia Familiar proposta por Liana Fortunato Costa, ou a Terapia Sistêmica Individual de Boscolo e Bertrando, foram realizados cursos livres de psicologia, e dentre eles estava a Terapia Sistêmica de Bowen. Mal sabia o pesquisador que esse pequeno curso entraria em cena novamente.

Em 2021 foram realizados eventos virtuais por instituições de Terapia Familiar da Região Sul do Brasil, devido ao contexto pandêmico. Num desses eventos lhe foi apresentado o conceito de transição à parentalidade: a crise gerada no casal ao se tornar uma família em decorrência do nascimento do primeiro filho.

Essa instigante transição do ciclo vital familiar foi base do seu anteprojeto de pesquisa para o ingresso no Programa de Mestrado em Psicologia da UFAM. Inicialmente se almejou trabalhar com casais, porém tal empreitada não estava no escopo de pesquisa do orientador, o Prof. Dr. Marck Torres. Então se fez necessário conciliar as ambições do orientador com as do mestrando. Após algumas orientações, ambos acertaram que se realizaria uma pesquisa voltada para a transição à parentalidade na experiência masculina. A aceitação de tal proposta foi motivada pelo desejo pessoal do mestrando em ser pai.

Após acordar qual seria o tema a ser pesquisado, o mestrando se deparou com um primeiro obstáculo: uma vez que a paternidade envolve como se mantém e se consolida um vínculo afetivo recíproco entre pai e filho, o que se sabia e o que era pesquisado sobre afetividade masculina? Abordar masculinidade foi se perceber imerso em pesquisas sobre dominação e violência, mas o que de fato se conhecia sobre como um homem amava, cuidava e expressava seus bons afetos?

Há de se reconhecer que existem prerrogativas sociais que determinam que o homem seja o provedor material do lar e que a parentalidade, educar e cuidar de uma criança, é uma incumbência da mulher. Mas de que forma homens podem exercer cuidado indo além da provisão e de que forma a parentalidade pode ser um projeto compartilhado entre pai e mãe?

Assim, se deparou com a necessidade de identificar e questionar quais as construções sociais reafirmam a ausência e o distanciamento paternos, bem como quais os mecanismos e dispositivos sociais afirmam a importância do homem na família.

Abordar a parentalidade paterna é investigar como o pai pode se distanciar daquele que se dedica exclusivamente à provisão material da família, sendo alguém que não se envolve com filho e tem seu reconhecimento pessoal fora do lar e longe da sua família.

Diante disso, a parentalidade pode ser definida como uma atividade intencional que objetiva assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento dos filhos. Já a parentalidade paterna pode ser entendida como a influência e a importância do pai no desenvolvimento infantil, gerando um ambiente emocional positivo para os filhos, com encorajamento à autonomia, promoção de modelos, amparo e sustentação, com trocas recíprocas permeadas por conexão, afeto, dedicação e confiança (Berhane et al., 2023; Cabrera et al., 2014; Campana et al., 2019; Garcia-Portuguez et al., 2020; Hoghughi, 2004; Lee, 2024; Mendes et al., 2019; Souza et al., 2020; Tachibana & Resende, 2020).

Ao abordar a parentalidade convém destacar dois conceitos centrais: os estilos parentais (Baumrind, 1991) e a coparentalidade (Feinberg, 2003).

Baumrind (1991) ao estipular os protótipos do controle adulto postula os conceitos de exigência e responsividade. A exigência envolve as condutas que os pais reivindicam dos filhos e a responsividade, as práticas que estimulam a individualidade, a autorregulação e autoafirmação infantis.

Pais autoritativos são tanto exigentes quanto responsivos. Monitoram a conduta dos filhos, transmitem normas claras, são assertivos, tendo como métodos disciplinares mais o apoio que a punição, e anseiam que seus filhos sejam socialmente responsáveis, autorregulados e cooperativos. Pais autoritários são exigentes e diretivos, porém não responsivos. Prezam pela obediência, esperam que suas ordens sejam seguidas sem questionar, envolvem-se pautados na ordem, num claro conjunto de regras, e monitoram a ação dos filhos cuidadosamente. Pais permissivos ou não diretivos são mais responsivos que exigentes. Eles não são exigentes nem tradicionais, não exigindo comportamentos maduros, concedendo demasiada auto regulação sem nenhuma confrontação. Pais rejeitadores-negligentes ou desengajados não são nem responsivos nem exigentes. Eles não estruturam ou monitoram, nem dão apoio, mas podem ser amplamente rejeitadores e também negligentes com suas responsabilidades na criação dos filhos (Baumrind, 1991).

Já a coparentalidade se esboça nos modos com que os pais ou as figuras parentais reconhecem um ao outro em seus papéis de pais, com apoio e cooperação (ou a ausência destes) na criação dos filhos (Feinberg, 2003).

Esses conceitos destacam a importância do equilíbrio entre estabelecimento de limites e concessão de autonomia à criança pelo pai, e o quanto a parentalidade carece ser compartilhada por dois cuidadores que empregam a sua autoridade e reconhecem o papel um do outro. Essa dinâmica do controle parental e do compartilhamento das funções parentais incumbem ao homem cuidar, se fazer presente e se envolver com a criança. Falar de cuidado, presença e vínculos mútuos é abordar como cada pessoa lida com seus afetos e almeja ter relacionamentos com intimidade e pertencimento, autonomia e independência. Essa troca afetiva e relacional foi discutida e empregada por Murray Bowen.

Bowen assumiu a família como um sistema natural, delineado pelo processo evolutivo da espécie humana, se concentrando no comportamento coletivo, não no individual. Assim, a família é demarcada pela ligação de cada membro ao outro, numa interação dinâmica com o ambiente, demandando adaptação às suas necessidades internas ou externas (Bowen, 1978; Otto & Ribeiro, 2021). Dessa maneira, a parentalidade paterna pode ser entendida a partir dos pressupostos de Bowen, a chamada Teoria Sistêmica de Bowen (TSB), que será o referencial teórico adotado na presente dissertação para discussão dos resultados.

O conceito central da TSB é a diferenciação de self que envolve tanto a integração entre sentimentos e pensamentos, quanto a dinâmica adaptativa entre individualidade e pertencimento (Bowen, 1978; Kerr & Bowen, 1988; Otto & Ribeiro, 2020).

Pensamentos e sentimentos, provindos dos sistemas cognitivo e emocional, podem, por meio da diferenciação de self, “trabalhar como uma equipe”: o indivíduo pode se autorregular a ponto de agir conforme os sentimentos, ou segundo os pensamentos, a depender da circunstância e de sua avaliação da circunstância. Logo, quando o indivíduo é diferenciado, emoções e pensamentos são funções tanto separadas quanto integradas (Bowen, 1978; Kerr, 2019; Otto & Ribeiro, 2020; Papero, 2021).

Individualidade e pertencimento, por meio da diferenciação de self, são modulados adaptativamente pelo indivíduo, que, regido por ambas as forças, consegue estar presente e responsável nos relacionamentos, sendo fiel aos seus princípios, agindo e pensando em si mesmo (Bowen, 1978; Kerr, 2019; Miller, 2022; Otto & Ribeiro, 2020; Rakow, 2022).

Diante do exposto, percebe-se que a TSB reconhece a necessidade de equilibrar sentimentos e pensamentos, e ser íntimo e autônomo nos relacionamentos. Tais princípios podem ser tidos como cruciais ao abordar as dinâmicas familiares e parentais.

Um efetivo grau de diferenciação de self pode ser associado ao estilo parental indutivo/autoritativo, no qual pais e mães possibilitam autonomia e limites aos filhos (Mozas-Alonso et al., 2022).

Já um baixo grau de diferenciação de self pode ser transmitida entre gerações, de modo que os filhos receberam sintomas de estresse pós-traumático de seus pais, ex-prisioneiros de guerra (Nicolai et al., 2017; Solomon & Zerach, 2020).

A diferenciação de self também possui um caráter recíproco e retroativo nas relações familiares, de sorte que quanto maior a diferenciação de self das figuras parentais, maior é a diferenciação de self dos adolescentes, gerando no adolescente uma maior percepção da resiliência familiar (Pagorek-Eshel & Finklestein, 2019).

A experiência paterna também pode ser afetada pela diferenciação de self, na qual uma maior diferenciação de self foi associada a maiores aceitação e envolvimento paternos. Além disso, ter recebido cuidados de seu próprio pai também influenciou maiores envolvimento e aceitação paternos (Finzi-Dottana & Cohen, 2017).

No ajustamento psicológico ao divórcio, pais e mães podem vivenciar solidão e negatividade se apresentarem baixos níveis de diferenciação de self (Moral et al., 2021). Logo, a diferenciação de self pode auxiliar a gerir afetos negativos por meio da autorregulação emocional e da dinâmica adaptativa entre autonomia e pertencimento.

A diferenciação de self também pode ser abordada no contexto de ansiedade de separação de adolescentes, no qual, quanto maior é a diferenciação de self materna, menor é a ansiedade de separação dos filhos (Peleg et al., 2015). Com isso, efetivo grau de diferenciação de self possibilita uma correção entre mãe e filho, onde uma mãe que equilibra pensamentos e sentimentos, e zela por relacionamentos com autonomia, proporciona a autorregulação emocional dos filhos.

A TSB pode ser pensada, diante dos estudos apontados, como uma forma de enxergar a interdependência do sistema familiar, onde há a correção de afetos, a autorregulação emocional, a repetição de padrões geracionais e relacionamentos íntimos e autorresponsáveis. Os fundamentos da TSB podem apontar como a experiência paterna pode ser analisada e questionada, como o homem regula seus afetos, corrige as emoções dos demais membros da família, lida com padrões herdados de sua família de origem e busca ter uma relação familiar e parental marcadas por independência e intimidade.

Diante do exposto, vale ressaltar que os estudos elencados empregaram em sua totalidade o delineamento quantitativo, deram pouca ênfase à parentalidade paterna, se

dedicaram a transtornos psicológicos ou dificuldades de cunho psicológico e foram realizados majoritariamente no contexto oriental.

Por isso, a TSB pode ser empregada como um recurso para identificar e fomentar relações parentais de qualidade, com autonomia e imposição de limites, além de práticas de cuidado, reconhecimento do aprendizado e crescimento infantil e vínculos afetivos recíprocos.

A subjetividade paterna carece ser levada em conta. Uma vez que a diferenciação de self envolve padrões emocionais e relacionais, se faz necessário se debruçar sobre como afetos e relacionamentos vivenciados por homens podem ter seus contextos pessoais que fogem ao alcance de uma pesquisa quantitativa. Visões de mundo, histórias e narrativas de vida, e a experiência subjetiva dos pais podem ser abordadas e compreendidas por meio de uma pesquisa de campo de caráter qualitativo.

Para além da exploração e descrição da vivência subjetiva dos pais, convém pontuar que pouco se sabe sobre a perspectiva paterna na parentalidade. O interesse pela paternidade é recente e muito do que se sabe sobre parentalidade é fruto de pesquisas sobre a relação mãe-filho. Logo, homens precisam ser ouvidos e compreendidos para além de um coadjuvante na parentalidade. Suas formas de educar, cuidar e estar presente carecem ter voz e vez.

E o que se sabe sobre a parentalidade paterna no Brasil, visto que muito do que se entende por perspectiva paterna advém de pesquisas internacionais, e.g. Estados Unidos e Europa? Dessa forma, convém mapear o que tem sido pesquisado na realidade brasileira quanto à experiência masculina na parentalidade. Esse foi o objetivo do estudo I, um dos dois estudos que compõem a presente dissertação. O estudo I se valeu de uma revisão de escopo para investigar quais as evidências brasileiras sobre a parentalidade paterna.

A TSB se fez vital para entender como a dinâmica parental pode ser fonte de crescimento e desenvolvimento para pais e filhos, pois ligações afetivas compartilhadas podem possibilitar aprendizado, reconhecimento e compromisso, onde homens reavaliam sua própria história e buscam estar presentes, cuidar e viver seus afetos. Porém, até o presente momento, a TSB pôde ser vista como uma teoria individualista ou centrada apenas na família nuclear. A revisão de escopo apontou um novo olhar sobre a parentalidade paterna, na medida em que o pai e a própria família nuclear são influenciados pela rede de apoio da família, pelo contexto comunitário, pelas questões laborais, pelo ambiente escolar e por questões históricas, culturais e de gênero. Por isso, a parentalidade paterna num diálogo com a TSB vai além do investimento individual masculino e da própria família nuclear, sendo a interdependência entre diferentes contextos e relações.

Como apontado acima, muitos dos estudos sobre TSB foram realizados no Oriente e qual a importância de trazer teorias de outras realidades para uma pesquisa brasileira e amazônica? Os países orientais refletem as suas condições históricas, políticas, econômicas, culturais e climáticas em suas pesquisas. Longe legitimar um padrão universal de diferenciação de self, que não seja afetado por contextos sociais e subjetivos, a presente dissertação reconhece o seu alcance como um estudo exploratório e descritivo. Dessa forma, se valeu de uma revisão escopo, o estudo I, para identificar o que se tem investigado sobre a parentalidade paterna no contexto brasileiro. E indo além de achados das pesquisas já realizadas no Brasil, também se pautou numa pesquisa de campo de caráter qualitativo, que reconhece e legitima os contornos sociais e subjetivos do pai brasileiro e amazônica.

O estudo II, uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, trata da parentalidade paterna utilizando em seu instrumento e posterior análise o construto da diferenciação do self para discutir as informações que os pais darão a respeito da vivência de sua paternidade. Num diálogo com a revisão de escopo do estudo I, se propõe a investigar de que forma a diferenciação de self influencia a parentalidade de homens primíparos. Se no estudo I foi apontado que diferentes contextos afetam a parentalidade paterna, no estudo II foi dada ênfase às narrativas de homens que são pais pela primeira vez. Levando em conta suas visões de mundo e experiências subjetivas, os pais foram escutados e, assim como no estudo I, diferentes contextos afetaram a vivência paterna. A criança, a mãe, a família de origem, expectativas sociais, condições trabalhistas, dentre outras, foram indicadas nas narrativas paternas.

Por outro lado, a ótica da TSB foi crucial para entender como o pai exerce sua parentalidade, se ele se vê como autoritário ou se impõe limites sem negar a autonomia infantil; como ele lida com suas emoções e as reflete em sua parentalidade; como lida com o seu estresse e ansiedade, bem como o estresse e a ansiedade da mãe e da criança; como avalia sua própria história, revendo sua relação com seu próprio pai, e quais pessoas de sua história de criação que foram indispensáveis para seu modelo de parentalidade; e quais expectativas sociais proporcionaram-no prover o material, também cuidar e estar presente.

Além disso, empregar uma pesquisa de campo de delineamento qualitativo é falar sobre a subjetividade do pesquisador que se afeta e se posiciona diante do tema pesquisado e dos conteúdos dos participantes da pesquisa. A Análise Temática de Braun e Clarke (2022; 2023), a análise de dados qualitativa empregada nos estudos I e II, enfatiza essa reflexividade entre pesquisador e participante, onde, ao encarar a subjetividade do participante, o pesquisador enxerga a si mesmo, compartilha vivências, acolhe pontos de vista diversos, e aprimora a sua visão de mundo e o seu ofício como pesquisador. Nessa troca recíproca, novos significados são

colhidos e novas formas de compreender a experiência são gerados. O pesquisador, enquanto um homem cis-heteronormativo que deseja ser pai, ao ouvir, acolher e compreender homens cis-heteronormativos que são pais, vivencia a si mesmo num papel futuro, extrai para si uma subjetividade paterna que vai além de leituras de artigos e livros, e encontra prazer, reconhecimento e sentido em todo o seu trabalho durante mestrado e em sua jornada como pesquisador para além do Programa de Pós-Graduação.

Vale ressaltar que a presente dissertação de mestrado está vinculada ao Grupo de Pesquisa em Contextos Clínicos e Avaliativos (GPeCCA) certificado pelo CNPq, e está ligado à linha de Pesquisa Processos Psicológicos e Saúde do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas.

REFERÊNCIAS

- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *The journal of early adolescence*, 11(1), 56-95. <https://doi.org/10.1177/02724316911111004>.
- Berhane, H. Y., Tewahido, D., Tarekegn, W., & Trenholm, J. (2023). Fathers' experiences of childcare and feeding: A photo-elicitation study in a low resource setting in urban Addis Ababa, Ethiopia. *PLoS One*, 18 (7), e0288487. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0288487>.
- Bowen, M. (1978). *Family therapy in clinical practice*. Jason Aronson.
- Braun, V., & Clarke, V. (2022). Conceptual and design thinking for thematic analysis. *Qualitative Psychology*, 9(1), 3-26. <https://doi.org/10.1037/qup0000196>.
- Braun, V., & Clarke, V. (2023). Thematic analysis. In H. Cooper, M. N. Coutanche, L. M. McMullen, A. T. Panter, D. Rindskopf, and K. J. Sher (Eds.). *APA handbook of research methods in psychology: Research designs: Quantitative, qualitative, neuropsychological, and biological* (2nd ed., vol. 2, pp. 57–71). American Psychological Association.
- Cabrera, N.J., Fitzgerald H.E., Bradley R.H., & Roggman L.(2014). The ecology of father-child relationships: An expanded model. *Journal of Family Theory & Review*, 6(4), 336–354. <https://doi.org/10.1111/jftr.12054>.

- Campana, N. T. C., dos Santos, C. V. M., & Gomes, I. C. (2019). De quem é a preocupação primária?: A teoria winnicottiana e o cuidado parental na contemporaneidade. *Psicologia Clínica, 31*(1), 32–53. <https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0031n01A02>.
- Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of Coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice, 3*(2), 95–131. https://doi.org/10.1207/S15327922PAR0302_01
- Finzi-Dottan, R., & Cohen, O. (2017). Fatherhood: Comparison between divorced custodial fathers, married fathers, and divorced non-custodial fathers in Israel. *Marriage & Family Review, 53*(4), 320–346. <https://doi.org/10.1080/01494929.2016.1158220>.
- Garcia-Portuguez, V. A., Serrano, M. M., & Torres, C. U. (2020). Padre comprometido con la crianza temprana desde el primer contacto padre-hijo/a vivido en el nacimiento. *Aquichan, 20*(3), 7. <https://doi.org/10.5294/aqui.2020.20.3.7>.
- Hoghugh, M. (2004). Parenting: An introduction. In M. Hoghugh, & N. Long (Eds.), *Handbook of parenting: Theory and research for practice* (pp. 7-18). SAGE.
- Kerr, M. E. (2019). *Bowen theory's secrets: Revealing the hidden life of families*. W. W. Norton & Company.
- Kerr, M. E. & Bowen, M. (1988). *Family evaluation*. W. W. Norton & Company.
- Lee, Y. E. (2024). Childcare sharing and family happiness: analyzing parental and child wellbeing in the actor-partner interdependence model. *Frontiers in Public Health, 12*, 1361998. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2024.1361998>.
- Mendes, D. M. L. F., Sant'Anna, J. L., & Ramos, D. de O. (2019). Metas Parentais de Socialização sobre Emoções: Um Estudo Exploratório. *Estudos e Pesquisas em Psicologia, 19*(3), 686–703. <https://doi.org/10.12957/epp.2019.46910>.
- Miller, E. A. (2022). The Attachment Versus Differentiation Debate: Bringing the Conversation to Parent–Child Relationships. *Family Process, 00*, e12802. <https://doi.org/10.1111/famp.12802>.
- Moral, M. A., Chimpén-López, C. A., Lyon, T. R., & Adsuar, J. C. (2021). The relationship between differentiation of self and psychological adjustment to separation. *Healthcare, 9*(6), 738–752. <https://doi.org/10.3390/healthcare9060738>.
- Mozas-Alonso, M., Oliver, J., & Berástegui, A. (2022). Differentiation of self and its relationship with marital satisfaction and parenting styles in a Spanish sample of

- adolescents' parents. *Plos one*, *17*(3), e0265436. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0265436>.
- Nicolai, S., Zerach, G., & Solomon, Z. (2017). The roles of fathers' posttraumatic stress symptoms and adult offspring's differentiation of the self in the intergenerational transmission of captivity trauma. *Journal of Clinical Psychology*, *73*(7), 848-863. <https://doi.org/10.1002/jclp.22377>.
- Otto, A. F. N., & Ribeiro, M. A. (2021). Fundamentos epistemológicos da teoria de Murray Bowen. *Nova Perspectiva Sistêmica*, *30*(70), 51-63. <https://doi.org/10.38034/nps.v30i70.614>
- Otto, A. F. N., & Ribeiro, M. A. (2020). Contribuições de Murray Bowen à terapia familiar sistêmica. *Pensando famílias*, *24*(1), 79-95. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100007&lng=pt&tlng=pt.
- Pagorek-Eshel, S., & Finklestein, M. (2019). Family resilience among parent–adolescent dyads exposed to ongoing rocket fire. *Psychological trauma: theory, research, practice, and policy*, *11*(3), 283-291. <https://doi.org/10.1037/tra0000397>.
- Papero, D. V. (2021). Murray Bowen's contribution to the study of complex human systems. *Family Systems: A Journal of Natural Systems Thinking in Psychiatry & the Sciences*, *16*(1), 43-67. https://www.researchgate.net/publication/358675507_MURRAY_BOWEN'S_CONTRIBUTION_TO_THE_STUDY_OF_COMPLEX_HUMAN_SYSTEMS.
- Peleg, O., Miller, P., & Yitzhak, M. (2015). Is separation anxiety in adolescents and parents related to parental differentiation of self?. *British Journal of Guidance & Counselling*, *43*(4), 413-428. <https://doi.org/10.1080/03069885.2014.974021>.
- Rakow, C. M. (2022). The back story on developing the concept of differentiation, as seen in the Murray Bowen archives. *Family Systems: A Journal of Natural Systems Thinking in Psychiatry & the Sciences*, *16*(2). [https://www.researchgate.net/profile/Catherine\[1\]Rakow/publication/376513532_THE_BACK_STORY_ON_DEVELOPING_THE_CONCEPT_OF_DIFFERENTIATION_AS_SEEN_IN_THE_MURRAY_BOWEN_ARCHIVES/links/657b0bddcbd2c535ea28ef67/THE-BACK-STORY-ON-DEVELOPING\[1\]THE-CONCEPT-OF-DIFFERENTIATION-AS-SEEN-IN-THE-MURRAY-BOWEN\[1\]ARCHIVES.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Catherine[1]Rakow/publication/376513532_THE_BACK_STORY_ON_DEVELOPING_THE_CONCEPT_OF_DIFFERENTIATION_AS_SEEN_IN_THE_MURRAY_BOWEN_ARCHIVES/links/657b0bddcbd2c535ea28ef67/THE-BACK-STORY-ON-DEVELOPING[1]THE-CONCEPT-OF-DIFFERENTIATION-AS-SEEN-IN-THE-MURRAY-BOWEN[1]ARCHIVES.pdf)

- Solomon, Z., & Zerach, G. (2020). The Intergenerational transmission of trauma: When children bear their father's traumatic past. *Neuropsychiatrie de l'Enfance et de l'Adolescence*, 68(2), 65-75. <https://doi.org/10.1016/j.neurenf.2020.01.004>.
- Souza, F. M. de, Fiorini, M. C., & Crepaldi, M. A. (2020). Relações entre Coparentalidade, Envolvimento Parental e Práticas Parentais de Pais e Mães de Famílias Binucleares. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(2), 519–539. <https://doi.org/10.12957/epp.2020.52584>
- Tachibana, M., & Rezende, G. G. D. (2020). Como é ser pai numa família monoparental masculina?. *Pensando famílias*, 24(2), 90-105. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000200008&lng=pt&tlng=pt.

ESTUDO I

PARENTALIDADE PATERNA NO BRASIL: UMA REVISÃO DE ESCOPO

RESUMO

A parentalidade paterna é influenciada pelo engajamento masculino individual e pelos diferentes contextos que afetam a díade pai-filho. O presente estudo objetivou investigar as evidências brasileiras sobre a parentalidade paterna. Com base em uma revisão de escopo, foi realizado um levantamento nas bases de dados Scielo, Pepsic, IndexPsi e Lilacs, de estudos realizados entre 2018 a 2023. Dos 201 estudos encontrados, 20 atenderam aos critérios de elegibilidade. Os resultados evidenciaram que, para além da provisão financeira, o pai promove o desenvolvimento infantil numa relação afetiva recíproca, com estratégias disciplinares, exploração do ambiente e socialização, somados a corresponsabilidade das funções parentais com as mães, e pela presença de uma rede de apoio. Sugere-se atividades psicoeducativas voltadas para o aumento da parentalidade autoritativa, pela corresponsabilidade parental entre pais e mãe e pelo fortalecimento da rede de apoio paterna.

Palavras-chave: pai; parentalidade; revisão.

INTRODUÇÃO

A parentalidade pode ser definida como uma atividade intencional que objetiva assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento dos filhos (Hoghughi, 2004). Neste sentido, envolve práticas de controle, disciplina, estimulação à autonomia e socialização infantil (Biasutti et al., 2021; Campana et al., 2019; da Mata & Scorsolini-Comin, 2022; Matos & Magalhães, 2019). A parentalidade paterna pode, dessa forma, ser entendida como a influência e a importância do pai no desenvolvimento infantil (Cabrera et al., 2014).

O modelo expandido da relação pai-filho apresenta a paternidade como um contexto amplo, inserida em sistemas dinâmicos, que envolvem processos recíprocos que evoluem ao longo do tempo. Nele, a parentalidade ou comportamento parental é observada como interdependente à história pessoal paterna, às suas características atuais, ao contexto familiar, socio-comunitário e laboral, bem como às condições culturais, políticas e econômicas da família (Cabrera et al., 2014).

Embora pais e mães possuam papéis familiares semelhantes, cada pai é único, e a dinâmica entre pais e mães é complementar. Na realidade brasileira persiste a noção de que o

vínculo mãe-filho é mais necessário que o vínculo pai-filho, com a presença materna considerada imprescindível e insubstituível. Nesse contexto, à mãe compete toda a educação e responsabilidade pela criação dos filhos, enquanto ao pai é atribuído dedicar-se ao trabalho e prover o sustento familiar (Cabrera et al., 2014; Gualberto & Andrade, 2021; Matos & Magalhães, 2019; Tachibana & Resende, 2020).

Considerando a parentalidade paterna como o conjunto de atividades e responsabilidades que vão além da provisão financeira, torna-se fundamental abordar a presença dos homens nos cuidados parentais. Diante desse contexto, esta revisão de escopo tem como objetivo identificar e sintetizar as evidências dos estudos brasileiros acerca da parentalidade paterna.

MÉTODO

Uma revisão de escopo objetiva mapear conceitos-chave da literatura; examinar como as pesquisas vêm sendo conduzidas em determinada área; e identificar as lacunas existentes de uma área ou campo (Munn et al., 2018; Peters et al., 2020).

A presente revisão de escopo segue as etapas recomendadas pelo Institute Joanna Briggs (JBI), iniciando pela (1) identificação do problema de pesquisa; (2) busca por estudos relevantes; (3) seleção de estudos; (4) extração dos dados; (5) agrupamento, sumarização e apresentação dos resultados (Peters et al., 2020).

Delimitou-se o problema de pesquisa usando a estratégia PCC (População, Conceito e Contexto), em que P: pai; C: parentalidade; e C: estudos brasileiros. Assim, o seguinte problema de pesquisa foi elaborado: Quais são as evidências encontradas nos estudos brasileiros sobre parentalidade paterna?

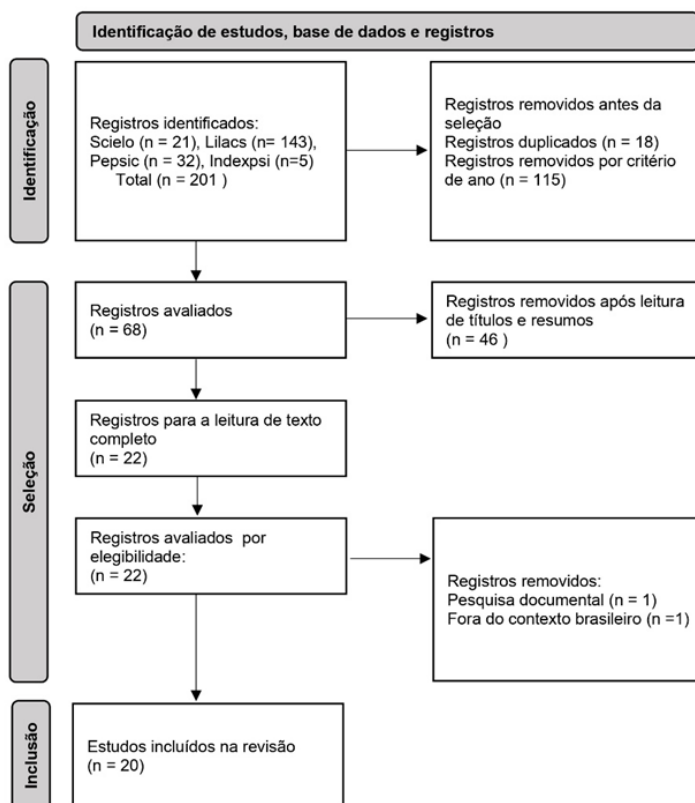
A busca, seleção e análise dos artigos foi realizada por três juízes, de forma independente, no mês de novembro de 2023 e foram utilizados os bancos de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO); Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC); IndexPsi Periódicos Técnico-Científicos; e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs).

A pesquisa pelos materiais analisados aconteceu por meio de pesquisa on-line em rede aberta. Primordialmente, buscou-se os termos indexados para o conceito e para a população, obtendo os seguintes descritores: pai, como a população-alvo; parentalidade, como o conceito. Foram empregados na busca dos artigos o operador booleano “AND”, de modo que foram

lançados na busca os descritores: pai AND parentalidade. Além disso, o software Mendeley foi utilizado para a leitura e seleção de artigos conforme título e resumo.

A busca nas bases de dados resultou em 201 artigos conforme a Figura 1: Scielo (n=21), Pepsic (n= 32), Indexpsi (n=5) e Lilacs (n=143). Inicialmente foram excluídos os títulos duplicados e passou-se a iniciar a busca baseada nos títulos e resumos. Após isso, aplicou-se os critérios de inclusão: ter a realidade brasileira como contexto de pesquisa; estar nos idiomas português, inglês ou espanhol; estudos de caráter observacional, transversal e longitudinal; possuir delineamento qualitativo, quantitativo ou misto; ter sido realizado entre 2018 e 2023; possuir acesso aberto; ter homens-pais como participantes únicos, ou como participantes em conjunto com outros participantes. Já os critérios de exclusão foram: estudos documentais, psicométricos ou teóricos; artigos de revisão; capítulos de livros, teses e dissertações; artigos que discutem sobre parentalidade, porém, dedicando-se apenas à perspectiva materna; artigos que debatem o exercício paterno, no entanto, articulando-o ao outro conceito que não o de parentalidade; artigos que discorrem sobre paternidade, contudo, na perspectiva dos filhos.

Figura 1. Fluxograma com as fases da revisão de escopo



Adotados os critérios de inclusão supracitados, o banco de dados elencado contou com 20 artigos finais. A análise qualitativa dos artigos selecionados foi orientada pelo Modelo Expandido da Relação Pai-filho (Cabrera et al., 2014) e foram gerados temas por meio da Análise Temática de Braun e Clarke (2023).

O comportamento parental ou parentalidade se insere no Modelo expandido da Relação Pai-filho (Cabrera et al., 2014) como um sistema dinâmico que é envolvido em processos recíprocos, que evoluem ao longo do tempo. Nesse modelo, a parentalidade é interdependente à história de criação paterna, às características paternas atuais, às relações entre os membros da família, à rede social paterna, sua situação laboral e comunitária, e às condições culturais, políticas e econômicas da família.

Diante da complexidade de tal modelo, optou-se por agrupar diferentes sistemas em temas. Assim, a partir da Análise Temática de Braun e Clarke (2023), emergiram os seguintes temas: *performance paterna*, que abarca história de criação paterna, características paternas e comportamento parental; *contexto intrafamiliar*, que aborda características do filho, características maternas, relação mãe-pai, conjugalidade, característica dos filhos e coparentalidade; e *contexto extrafamiliar*, que envolve condições culturais, trabalho e rede social paternas.

RESULTADOS

O Quadro 1 apresenta a caracterização detalhada dos artigos eleitos para a presente revisão. Quanto ao delineamento dos 20 artigos selecionados, destaca-se o método qualitativo (75%; n = 15), seguido pela metodologia quantitativa (25%; n = 5).

Quadro 1. Caracterização dos artigos da revisão de literatura.

Autor/Ano	Objetivo do Estudo	Delineamento/ Instrumento(s)	Participantes	Principais resultados	MERPF*
Biasutti e Nascimento (2021)	Analisar o processo de adoção e a chegada das crianças nas famílias monoparentais.	Qualitativo/ entrevista semiestruturada.	4 mães e 1 pai, cujos filhos foram adotados com idades entre zero e cinco anos.	Medos, inseguranças e angústia gerados pela parentalidade. Desejo de ser pai. Reconhecimento das demandas emocionais infantis. Necessidade de uma rede social.	Características paternas, rede social paterna.

Biasutti et al., (2021)	Descrever como pais que passaram pelo processo de adoção monoparental desenvolvem, em sua rotina com os filhos, as atividades parentais de cuidado, controle e desenvolvimento .	Qualitativo/ entrevista semiestruturada.	1 pai e 4 mães.	Evidenciar amor e carinho. Exercer cuidados físicos, controle e transmissão de valores. Resposta dos filhos ao controle dos pais. Redes social paterna nos cuidados sociais.	Características paternas, comportamento parental, características do filho, rede social paterna.
Campana et al., (2019)	Investigar a parentalidade contemporânea, tendo como base teórica uma revisão do conceito winnicottiano de preocupação materna primária.	Qualitativo/ entrevista semiestruturada.	2 casais heterossexuais de classe média brasileira, com filhos de até três anos de idade.	Desejo de ser um pai presente. Realização ao ser pai. Constituir uma família como motivação. Impor limites ao filho. Mãe confiando no pai como cuidador e corresponsabilidade de das funções parentais. Imposição cultural de que mulheres tenham filhos. Homem dedicando-se ao trabalho e à parentalidade. Familiares e profissionais de saúde como rede social.	história de criação paterna, características paternas, comportamento parental, relação mãe-pai, condições culturais, trabalho, rede social paterna.
Campeol et al., (2021)	Compreender de que modo os ambientes ecológicos influenciam o desenvolvimento da paternidade em famílias monoparentais masculinas.	Qualitativo/ entrevista semiestruturada.	4 homens-pais, com ao menos um filho de até 11 anos de idade sob sua guarda formal.	Conciliar a vida laboral com a parentalidade. Ambiente de trabalho favorecendo ou prejudicando a parentalidade. Familiares, profissionais de saúde, pessoas próximas, espaço comunitário e ambiente acadêmico como redes sociais	trabalho, rede social paterna.

				paternas.	
Cúnico et al., (2022)	Avaliar e comparar a percepção das práticas parentais antes e durante o encarceramento por homens privados de liberdade.	Quantitativo/ Inventário de práticas parentais.	57 homens, casados e com dois ou mais filhas/os com idades de 4 a 16 anos.	Conversas afetivas com o filho sobre a vida ou sobre a escola.	Características paternas, rede social paterna.
Da Mata e Scorsolini-Comin (2022)	Investigar a transmissão psíquica na construção da conjugalidade e da parentalidade em casais de gays e lésbicas com filhos por adoção.	Qualitativo/ entrevista semiestruturada.	3 casais homoafetivos com filhos com idades entre um e 11 anos.	Medo do novo e da adaptação infantil à família. Diálogo e confiança, explicando o porquê de cada conduta. Preparo para a vida em sociedade.	características paternas, comportamento parental.
De Paula e Stengel (2022)	Compreender os sentidos de ser pai/mãe de adolescente na atualidade a partir da ótica da Gestalt-terapia.	Qualitativo/ entrevista aberta.	3 mães e 3 pais.	Realização, alegria e felicidade por ser pai. Orientação dialogada. Especificidades da adolescência dos filhos.	características paternas, comportamento parental, características do filho.
Fernandes e Santos (2019)	Analisar os sentidos atribuídos por pais adotivos à construção de vínculos parento-filiais.	Qualitativo/ entrevista semiestruturada.	1 pai e 3 mães.	Satisfação e realização. Desejo de ser pai e possuir uma família. Sensibilidade às questões emocionais da criança. Filho se vincular ao pai.	características paternas, características do filho.
Gualberto e Andrade (2021)	Compreender a vivência de algumas modalidades de família na decisão de ter e criar os filhos.	Qualitativo/ entrevista semiestruturada.	1 mãe solo, 1 casal de pais heterossexuais e 1 casal de pais homossexuais.	Incerteza diante da chegada do filho. Alterações no cotidiano, na rotina, sensação de cansaço. Mães e pais compartilhando espaço na criação. Parentalidade como	características paternas, relação mãe-pai, condições culturais.

				responsabilidade exclusiva das mães.	
Guimarães et al., (2018)	Compreender a vivência de transições na parentalidade de pais que tiveram um filho recém-nascido hospitalizado por sífilis congênita.	Qualitativo/ entrevista aberta.	13 mães e 4 pais de recém-nascidos hospitalizados por sífilis.	Maior cuidado consigo e com o filho. Estresse e alteração da rotina. Cumplicidade na conjugalidade. Profissionais de saúde como rede social.	características paternas, conjugalidade, rede social paterna.
Koltermann et al., (2019)	Comparar e definir tipologias da Abertura do Mundo de pais e mães da região sul do Brasil.	Quantitativo/ Questionário de Abertura ao Mundo.	171 casais heterossexuais com crianças pré-escolares.	Estímulo à perseverança, estímulo a correr risco e nível de punição como controle parental.	comportamento parental.
Matos e Magalhães (2019)	Investigar os ideais de paternidade presentes no discurso dos pais.	Qualitativo/ entrevista semiestruturada.	8 homens-pais.	Co-participação no cuidado entre pais e mães. Homem percebido como não qualificado a cuidar de uma criança.	relação mãe-pai, condições culturais.
Mendes et al., (2019)	Estudar metas parentais de socialização emocional e conhecer particularidades de contextos socioculturais e seus impactos no desenvolvimento infantil.	Qualitativo/ questionário aberto.	60 casais heterossexuais de filhos com até três anos.	Oportunizar o desenvolvimento afetivo infantil. Pai ser um modelo. Dar educação de qualidade.	comportamento parental, rede social paterna.
Oliveira et al., (2018)	Investigar o manejo dos pais frente à expressão da emoção raiva dos filhos do sexo masculino e feminino.	Qualitativo/ questionário aberto e história-estímulo.	26 casais tendo dois filhos de seis a doze anos.	Reações paternas distintas frente a raiva dos filhos e das filhas.	características dos filhos.
Pereira e Reis (2022)	Analisar a dimensão	Qualitativo/ entrevista	10 pais de bebês com a	Figura paterna da família de origem	história de criação

	subjetiva implicada nos cuidados ofertados por pais homens aos bebês com síndrome congênita do Zika (SCZv).	semiestruturada, observação participante e grupo focal.	síndrome congênita do Zika bem como bebês, além de 6 profissionais da área da Saúde.	como ausente. Ser um pai presente. Corresponsabilidade da parentalidade entre pai e mãe. União conjugal. Pai como coadjuvante na parentalidade.	paterna, relação mãe-pai, conjugalidade e, condições culturais.
Portes et al., (2020)	Compreender as relações entre o comportamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista, estilos parentais e coparentalidade	Quantitativo/ Escala da Relação Coparental, Questionário de Dimensões e Estilos parentais, Questionário de Forças e Dificuldades.	45 famílias biparentais com crianças com idade média de 59 meses.	O estilo parental e a coparentalidade de mães e pais influenciam as habilidades pró-sociais e as dificuldades comportamentais de crianças autistas.	Relação mãe-pai, coparentalidade.
Rezende et al., (2019)	Caracterizar estresse, estilo parental e percepção de suporte familiar em pais de crianças com TDAH, estabelecendo relações entre essas variáveis.	Quantitativo/ Inventário de Sintomas de Estresse para adultos de Lipp, Inventário de Estilos Parentais, Inventário de percepção de suporte familiar.	42 pais (20 pais e 22 mães).	Elevado estresse materno proporciona uma piora no estilo parental tanto quanto um suporte familiar negativo.	características maternas.
Simões e Santos (2023)	Compreender como pais de jovens com Transtornos Alimentares vivenciaram os vínculos que estabeleceram com suas figuras parentais durante a infância e adolescência e, posteriormente, com suas mulheres e filhas(os).	Qualitativo/ entrevista semiestruturada.	5 homens-pais.	Presença paterna se constituiu como distante e sem proximidade. Idealização e insatisfação conjugais. Figura materna como fonte de atenção e proximidade afetiva.	história de criação paterna, conjugalidade e, condições culturais.
Souza et al., (2020)	Investigar a relação entre coparentalidade, envolvimento parental e práticas parentais no contexto de pais	Quantitativo/ Escala da Relação Coparental, Inventário de práticas parentais, Questionário de Engajamento Paterno/Parental.	24 mães e 21 pais.	Pai como suporte emocional ao filho. Divisão menos justa no trabalho coparental gera comportamento autoritário nos	comportamento parental, coparentalidade.

	e mães de famílias binucleares com crianças de três a seis anos.			pais.	
Tachibana e Resende (2020)	Investigar a experiência de homens de famílias monoparentais masculinas.	Qualitativo/ entrevista psicanalítica.	4 homens-pais.	Ser um pai melhor do que se teve, sendo afetuoso e dedicado. Mulher como a responsável pela família.	história de criação paterna, condições culturais.

Nota. MERPF- Modelo expandido da Relação Pai-filho (Cabrera et al., 2014).

Concernente aos instrumentos de coleta de dados dos artigos de metodologia quantitativa, destacou-se a “Escala da Relação Coparental” (40%; n=2). A Escala da Relação Coparental (ERC – Coparenting Relationship Scale/ CRS; Feinberg et al., 2012; Souza et al., 2020) é composta por 35 itens, elencados em quatro domínios teóricos, divididos em sete subescalas: Acordo ou desacordo coparental; divisão do trabalho; suporte/sabotagem, que possui três subescalas: apoio coparental, reconhecimento da parentalidade do parceiro e sabotagem coparental; e administração conjunta das interações familiares, com duas subescalas: exposição a conflitos e proximidade coparental. A adaptação transcultural brasileira da ERC foi desenvolvida por Carvalho et al. (2018), onde o coeficiente alfa de cada subescala variou entre 0,16 e 0,83.

Os artigos que se pautaram na metodologia qualitativa empregaram majoritariamente entrevista semiestruturada (67%; n=10), seguido por entrevista ou questionário aberto (27%; n=4).

DISCUSSÃO

No tema *performance paterna* sobressai que a figura paterna da família de origem é influência a parentalidade paterna, sobretudo se a presença paterna anterior se constituiu como fria e distante. Assim, diante da história de criação, o pai pode reavaliar seu vínculo com o filho na atualidade, sendo presente, cuidadoso, dedicado e afetuoso (Campana et al., 2019; Pereira & Reis, 2022; Simões & Santos, 2023; Tachibana & Resende, 2020).

As características paternas podem ser percebidas por sua dinâmica afetiva, nas motivações e mudanças trazidas pela parentalidade e pela construção de um vínculo afetivo recíproco entre pai e filho. Na vivência paterna são vivenciados afetos e experiências positivas como realização, satisfação, felicidade, alegria, crescimento pessoal, aprendizado, maior

responsabilização e cuidado consigo e com o filho, e desejo de vivenciar as funções da parentalidade. Em contrapartida, podem ser sentidos afetos e experiências negativas, como estresse, dúvidas, incertezas, angústia, medo do novo, medo de não ter recursos financeiros suficientes, medo das demandas da criança e insegurança acerca de suas próprias competências parentais (Biasutti & Nascimento, 2021; Campana et al., 2019; da Mata & Scorsolini-Comin, 2022; de Paula & Stengel, 2022; Fernandes & Santos, 2019; Gualberto & Andrade, 2021; Guimarães et al., 2018).

Motivados pelo desejo de ser pais e de constituir uma família, os homens passam por mudanças trazidas pela parentalidade, como perda de autonomia, alteração da rotina, renúncias, cansaço e responsabilidade em cuidar do filho (Biasutti & Nascimento, 2021; Campana et al., 2019; Fernandes & Santos, 2019; Gualberto & Andrade, 2021; Guimarães et al., 2018).

No vínculo mútuo entre pai e filho, o homem está atento às demandas emocionais da prole, numa relação recíproca de amor e carinho, marcada por proximidade, sensibilidade e confiança, com conversas, elogios, preocupação e correção, e gerida por empatia e compreensão diante das inseguranças e dificuldades infantis (Biasutti & Nascimento, 2021; Biasutti et al., 2021; Cúnico et al., 2022; da Mata & Scorsolini-Comin, 2022; Fernandes & Santos, 2019).

O comportamento parental traz consigo a necessidade de conceder aos filhos cuidados físicos, desenvolvimento afetivo, estratégias de controle, estimulação à autonomia e o processo de socialização infantil.

Os cuidados físicos são realizados por meio de uma rotina de alimentação, de sono e hábitos de higiene, enquanto o desenvolvimento afetivo se dá por meio do empenho parental em tornar a criança autoconfiante e independente, expressando suas capacidades emocionais por meio de adaptação, equilíbrio e autorregulação (Biasutti et al., 2021; Mendes et al., 2019).

Enquanto estratégias de controle, o pai pode dialogar com o filho até que este entenda, esclarecendo o porquê de cada conduta utilizada na educação, numa orientação dialogada. Por outro lado, pode valer-se de punição física ou uso de castigo (Biasutti et al., 2021; Campana et al., 2019; da Mata & Scorsolini-Comin, 2022; de Paula e Stengel, 2022).

O engajamento paterno pauta-se tanto no uso de disciplina e punição quanto na estimulação à perseverança e a correr riscos. Ao incentivar a criança a explorar o ambiente, numa estimulação à autonomia, o pai se torna um suporte emocional para ela, assegurando tranquilidade e encorajamento. Além disso, o pai pode ser um modelo, aconselhando, participando e ensinando por demonstração (Koltermann et al., 2019; Mendes et al., 2019; Souza et al., 2020).

A parentalidade propicia a socialização por meio do preparo para vida em sociedade, no qual valores são ensinados e estimulados a serem seguidos. Há a responsabilização por si e pelo outro, na defesa ao caráter e na valorização da autoridade, e no enfrentamento às dificuldades cotidianas (Biasutti et al., 2021; da Mata & Scorsolini-Comin, 2022).

No tema *contexto intrafamiliar* preconiza-se que pais e filhos estabelecem mutuamente uma vinculação, na qual há um aprendizado recíproco nessa díade. As características do filho se evidenciam no estabelecimento de regras e limites, em que crianças mais novas compreendem ou ao menos aceitam as regras impostas e as crianças mais velhas reconhecem limites e entendem suas implicações (Biasutti et al., 2021; Fernandes & Santos, 2019).

No contexto da adolescência, conforme de Paula e Stengel (2022), os pais legitimam as características próprias do filho, propiciando a este crescimento e integridade, nas relações amorosas, na sexualidade e nos projetos profissionais, conduzindo-o em relação a si mesmos e em relação aos outros.

Na díade filho-pai, observa-se que os pais apresentam a dificuldade de identificar a raiva nas filhas, além de utilizar estratégias diferentes diante das expressões emocionais de filhos e filhas. Com as filhas, emprega-se a estratégia de distração, na qual as ações parentais diminuem a intensidade da emoção da criança, colocando a atenção desta em outro evento, fazendo esquecer a situação que ativou essa resposta emocional. Ao passo que, com os filhos, os pais adotam a reação de minimização, na qual se desvaloriza a importância da reação da criança, do problema ou de sua expressão emocional (Oliveira et al., 2018).

As características maternas e a relação mãe-pai afetam todo o sistema familiar, de sorte que o elevado estresse materno proporciona uma piora no estilo parental tanto quanto um suporte familiar negativo, nos quais as mães lidam com sentimentos negativos, isolamento, exclusão e falta de compreensão, sem relações de confiança, liberdade e privacidade (Rezende et al., 2019).

Na relação mãe-pai o homem pode ser percebido como não qualificado pela mãe ao cuidar da criança. Sendo o pai fonte de sustentação e amparo, a mulher pode mostrar abertura para cuidado paterno, sendo ela a referência de manejo, confiando no homem como cuidador. Defende-se a necessidade de uma corresponsabilidade das funções parentais, onde mães e pais compartilhem espaço na criação, nos cuidados direcionados ao bebê e nos afazeres domésticos (Campana et al., 2019; Gualberto & Andrade, 2021; Matos & Magalhães, 2019; Pereira & Reis, 2022).

Além da parentalidade autoritativa, a relação coparental estimulou habilidades pró-sociais e poucas dificuldades comportamentais em crianças autistas por meio de mães com

índices negativos de sabotagem coparental, altos níveis de acordo, proximidade, apoio e reconhecimento da parentalidade do parceiro, bem como de pais com altos níveis de acordo, proximidade, apoio e reconhecimento da parentalidade do parceiro, e baixos índices de conflito e sabotagem (Portes et al., 2020).

Além disso, quanto menos justa a divisão do trabalho coparental, mais os pais tenderiam a estar envolvidos com os filhos em cuidados diretos e indiretos e suporte emocional, e a exercer comportamento autoritário e controle por indução de ansiedade (Souza et al., 2020).

Por vezes, o tornar-se pai e mãe fortalece a união conjugal, aprimorando a cumplicidade entre o casal. Por outro lado, a insatisfação conjugal e a ausência parental incumbem ao pai fortalecer a intimidade afetiva paterno-filial, indo contra o desamparo sentido pela prole (Guimarães et al., 2018; Pereira & Reis, 2022; Simões & Santos, 2023).

No tema *contexto extrafamiliar* salienta-se que a parentalidade paterna possui influências de padrões culturais. A sociedade tem o imperativo de que as mulheres tenham filhos e se dediquem ao cuidado da maternidade (Campana et al., 2019; Matos & Magalhães, 2019).

A figura materna seria única e insubstituível, mais habilitada ao cuidado dos filhos, sendo fonte de proximidade afetiva, sobretudo por ser possuidora do instinto materno. O homem, desprovido do instinto materno, seria um coadjuvante na parentalidade (Matos & Magalhães, 2019; Pereira & Reis, 2022; Simões & Santos, 2023).

Diante do investimento masculino na parentalidade, persiste a noção de o pai ausente física e emocionalmente no âmbito doméstico, instaurando dicotomias, solidão e sobrecarga materna, abandono e ausência paterna. Além disso, homens podem não querer atuar na parentalidade, seja pela legitimidade do cuidado como exclusivamente materno, seja por que sua atuação parental não é central como a da mãe (Pereira & Reis, 2022).

Conforme padrões culturais à mãe compete cuidar da educação e das partes práticas da parentalidade (saúde, alimentação, higiene e rotina) e ao pai, a provisão financeira. O pai aparece como um mero auxiliar da mãe, persistindo a naturalização da mulher como responsável pela família. Ainda que o homem seja considerado menos capaz de cuidar de uma criança, há a necessidade de implementar o ideal de que homens podem e devem cuidar e que o cuidado com os filhos faz bem (Gualberto & Andrade, 2021; Tachibana & Resende, 2020).

Se o homem deseja se dedicar à parentalidade, faz-se necessário ajustar a carga horária de trabalho com sua função paterna, equilibrando e conciliando o tempo direcionado aos filhos com sua vida profissional, ainda que, a depender do ambiente laboral, aos funcionários não seja

possível discutir sobre assuntos familiares durante a jornada de trabalho (Campana et al., 2019; Campeol et al., 2021).

A rede social paterna é constituída pelo ambiente escolar dos filhos, por sua rede de apoio, pelo ambiente acadêmico e pelo espaço comunitário. Uma vez que os pais se dispõem a oferecer aos filhos educação de qualidade, a escola surge como um contexto de aquisição de novas competências e de estimulação ao desenvolvimento infantil. A importância da vida escolar proporciona elogios e conversas amigáveis, cobrança por um bom desempenho escolar e diálogos sobre responsabilidade (Biasutti et al., 2021; Cúnico et al., 2022; Mendes et al., 2019).

Na rede de apoio paterna sobressai a presença de familiares e pessoas próximas (e.g., avós, avôs e tias, além de amigas, parceiras e babás), e profissionais de saúde (e.g., pediatras, cuidadores de enfermagem e profissionais de psicologia). Assim, há a afirmação da parentalidade paterna, parceria e cooperação, cuidados com as necessidades infantis e orientações quanto à imposição de limites pelo pai (Biasutti & Nascimento, 2021; Biasutti et al., 2021; Campana et al., 2019; Campeol et al., 2021; Guimarães et al., 2018).

O ambiente acadêmico de graduação e pós-graduação possibilita ao pai realização pessoal e formação em ensino superior e no espaço comunitário é possibilitado aos filhos relações sociais de qualidade com a vizinhança (Biasutti et al., 2021; Campeol et al., 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com isso, as evidências dos estudos brasileiros demonstram que a parentalidade paterna se delinea pela relação recíproca de afetos entre pai e filho, favorecendo o desenvolvimento infantil com estratégias de controle, exploração do ambiente e socialização. Da mesma forma, pais e mães podem ser corresponsáveis pela parentalidade, numa relação de proximidade e ajuda mútua. Além disso, as redes sociais paternas são fontes de amparo, reconhecimento e desenvolvimento para os homens e seus filhos.

Como avanços, a presente revisão apontou para a necessidade masculina de repensar padrões culturais e de gênero, de sorte que a parentalidade paterna seja campo de trocas afetivas, liberdade relacional, reconhecimento da alteridade e busca por aprendizado mútuo e constante nas relações familiares.

Considerando as limitações da presente revisão, foi observado que durante a leitura na íntegra dos artigos, muitos deles utilizavam o descritor “paternidade”, não empregado na

presente revisão. Assim, estudos podem não ter sido contemplados pela atual estratégia de busca, não sendo identificadas outras possíveis experiências masculinas da parentalidade.

Com isso, faz-se necessário investir em psicoeducação voltada para o aumento da parentalidade autoritativa, para a corresponsabilidade parental pela díade pai-mãe e para o desenvolvimento de uma rede de apoio paterna.

REFERÊNCIAS

- Biasutti, C. M., & Nascimento, C. R. R. (2021). O processo de adoção na família monoparental. *Journal of Human Growth and Development*, 31(1), 47–57. <https://doi.org/10.36311/jhgd.v31.10364>
- Biasutti, C. M., Nascimento, C. R. R., & Canal, C. P. P. (2021). Atividades Parentais na Família Monoparental Constituída pela Adoção. *Estudos e Pesquisas Em Psicologia*, 21(1), 236–259. <https://doi.org/10.12957/epp.2021.59384>
- Braun, V., & Clarke, V. (2023). Thematic analysis. In H. Cooper, M. N. Coutanche, L. M. McMullen, A. T. Panter, D. Rindskopf, and K. J. Sher (Eds.). *APA handbook of research methods in psychology: Research designs: Quantitative, qualitative, neuropsychological, and biological* (2nd ed., vol. 2, pp. 57–71). American Psychological Association.
- Cabrera, N.J., Fitzgerald H.E., Bradley R.H., & Roggman L.(2014). The ecology of father-child relationships: An expanded model. *Journal of Family Theory & Review*, 6(4), 336–354. <https://doi.org/10.1111/jftr.12054>
- Campana, N. T. C., dos Santos, C. V. M., & Gomes, I. C. (2019). De quem é a preocupação primária?: A teoria winnicottiana e o cuidado parental na contemporaneidade. *Psicologia Clínica*, 31(1), 32–53. <https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0031n01A02>
- Campeol, A. R., Benatti, A. P., & Pereira, C. R. R. (2021). A Paternidade Monoparental na Inter-Relação com os Contextos Ecológicos. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 41, 1-15. <https://doi.org/10.1590/19823703003224041>
- Carvalho, T. R., Barham, E. J., Souza, C. D., Böing, E., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2018). Cross-cultural adaptation of an instrument to assess coparenting: Coparenting Relationship Scale. *PSICO-USF*, 23(2), 215-227. <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230203>

- Cúnico, S. D., Almeida-Segundo, D. S. D., & Pizzinato, A. (2022). Parental practices under the perspective of incarcerated fathers. *Psico-USF*, 27(4), 751–763. <https://doi.org/10.1590/1413-82712022270412>
- Da Mata, J. J., & Scorsolini-Comin, F. (2022). Conjugalidade e parentalidade adotiva em casais de gays e lésbicas: costuras a partir da transmissão psíquica. *Avances En Psicología Latinoamericana*, 40(2), 1-16. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.7897>
- De Paula, L. P. P., & Stengel, M. (2022). A vivência de ser pais e mães de adolescente na atualidade. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 28(1), 1-13. <https://dx.doi.org/10.18065/2022v28n1.1>
- Feinberg, M. E., Brown, L. D., & Kan, M. L. (2012). A multi-domain self-report measure of coparenting. *Parenting: Science and Practice*, 12(1), 1-21. <http://dx.doi.org/10.1080/15295192.2012.638870>
- Fernandes, M. B., & Santos, D. K. dos. (2019). Sentidos atribuídos por pais adotivos acerca da adoção tardia e da construção de vínculos parento-filiais. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(63), 67–88. <https://doi.org/10.21452/2594-43632019v28n63a04>
- Gualberto, A. T. e S., & Andrade, C. C. (2021). Tornar-se Pais: Uma Compreensão Gestáltica das Diferentes Parentalidades Contemporâneas. *Revista Da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 27(3), 267–277. <https://doi.org/10.18065/2021v27n3.2>
- Guimarães, M. S. de F., Santos, I. M. M. dos, Silva, L. J. da, Christoffel, M. M., & Silva, L. R. da. (2019). Parentalidade de pais de recém-nascidos hospitalizados por sífilis congênita à luz da teoria das transições. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 27(4), 1-11. <https://doi.org/10.1590/0104-07072018001190017>
- Hoghugh, M. (2004). Parenting: An introduction. In M. Hoghugh, & N. Long (Eds.), *Handbook of parenting: Theory and research for practice* (pp. 7-18). SAGE.
- Koltermann, J. P., Souza, C. D. D., Bueno, R. K., Paraventi, L., & Vieira, M. L. (2019). Openness to the World by Fathers and Mothers of Preschoolers in Two-parent Families. *Paidéia*, 29, 1-8. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e2934>
- Matos, M. G., & Magalhães, A. S. (2019). Ser pai na contemporaneidade: demandas contraditórias. *Psicologia Revista*, 28(1), 151–173. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2019v28i1p151-173>
- Mendes, D. M. L. F., Sant’Anna, J. L., & Ramos, D. de O. (2019). Metas Parentais de Socialização sobre Emoções: Um Estudo Exploratório. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(3), 686–703. <https://doi.org/10.12957/epp.2019.46910>

- Munn, Z., Peters, M. D., Stern, C., Tufanaru, C., McArthur, A., & Aromataris, E. (2018). Systematic review or scoping review? Guidance for authors when choosing between a systematic or scoping review approach. *BMC medical research methodology*, 18(143), 1-7. <https://doi.org/10.1186/s12874-018-0611-x>.
- Oliveira, B. P. W. de, Gurtat, A. K. G., & Reis, A. H. (2018). Manejo dos Pais Frente à Expressão de Raiva dos Filhos. *Psico-USF*, 23(2), 279–293. <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230208>.
- Pereira, T. G., & Reis, A. O. A. (2022). O bebê com zika e o pai (d)eficiente. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 32(2), 1-20. <https://doi.org/10.1590/s0103-73312022320208>
- Peters, M.D. J., Marnie C., Tricco, A.C., Pollock D., Munn Z., Alexander L., McInerney P., Godfrey C.M., Khalil H (2020). Updated methodological guidance for the conduct of scoping reviews. *JBIM Evid Synth.*, 18(10), 2119-2126. <https://doi.org/10.11124/JBIES-20-00167>.
- Portes, J. R. M., Vieira, M. L., Souza, C. D. de, & Kaszubowski, E. (2020). Parental styles and coparenting in families with children with autism: cluster analysis of children's behavior. *Estudos de Psicologia*, 37, 1-12. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e190143>
- Rezende, F. P., Calais, S. L., & Cardoso, H. F. (2019). Estresse, parentalidade e suporte familiar no transtorno do déficit de atenção/hiperatividade. *Psicologia: teoria e prática*, 21(2), 153-171. <https://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v21n2p153-171>.
- Simões, M. D. M., & Santos, M. A. D. (2023). Paternidade e configurações vinculares nos transtornos alimentares à luz da psicanálise vincular. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 26, 1-27. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.e.220946>
- Souza, F. M. de, Fiorini, M. C., & Crepaldi, M. A. (2020). Relações entre Coparentalidade, Envolvimento Parental e Práticas Parentais de Pais e Mães de Famílias Binucleares. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(2), 519–539. <https://doi.org/10.12957/epp.2020.52584>
- Tachibana, M., & Rezende, G. G. D. (2020). Como é ser pai numa família monoparental masculina?. *Pensando familias*, 24(2), 90-105. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000200008&lng=pt&tlng=pt.

ESTUDO II

Parentalidade Paterna e Diferenciação de Self: Narrativas de Homens Primíparos

RESUMO

A parentalidade paterna envolve como o pai atende às necessidades do filho, impõe limites e promove seu desenvolvimento, numa relação afetiva recíproca. Assim, objetivo do presente estudo qualitativo foi investigar de que forma a diferenciação de self influencia a parentalidade de homens primíparos. As narrativas de dois homens primíparos foram coletadas por meio de entrevistas episódicas e analisadas segundo a Teoria Sistêmica de Bowen. A análise resultou em três temas: ‘felicidade paterna’, ‘indiferenciação-diferenciação parental’ e ‘diferenciação intergeracional’. Esses temas evidenciaram a felicidade paterna diante do crescimento do filho, da consolidação de vínculos mútuos e do gerenciamento do estresse; a necessidade de evitar a parentalidade coercitiva e o descontrole emocional e de estimular a autonomia infantil e o compartilhamento de controle parental com a mãe; e, tendo em vista sua história de criação, a busca por uma paternidade participativa e afetuosa, e por figuras parentais que prezem pela autonomia e pertencimento entre pais e filhos. Com isso, o pai pode apreciar seus vínculos familiares como desenvolvimento e crescimento mútuos, enfatizar o constante aprendizado infantil, a corresponsabilidade parental com a mãe e rever sua própria história, se engajando para ser um pai presente e responsável.

Palavras-chave: pai; paternidade; parentalidade; diferenciação de self; Teoria de Bowen.

INTRODUÇÃO

A parentalidade pode ser definida como uma atividade intencional que objetiva assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento dos filhos. Reconhece-se que a parentalidade pode pressupor uma relação biológica entre mãe ou pai com seu filho, contudo, pode envolver outros cuidadores. Nisso, a parentalidade contempla o reconhecimento das necessidades de sobrevivência dos filhos -necessidades físicas, emocionais e sociais-, o estabelecimento de limites e funcionamento social, e as estratégias que os pais empregam para que os filhos adquiram potencialidades em todas as áreas de sua vida (Baumrind, 1991; Biasutti et al., 2021; da Matta & Scorsolini-Comin, 2022; Harris et al., 2021; Hoghughi, 2004; Santos, 2019; Solberg et al., 2023).

A parentalidade paterna pode ser entendida como a influência e a importância do pai no desenvolvimento infantil, gerando um ambiente emocional positivo para os filhos, com encorajamento à autonomia, promoção de modelos, amparo e sustentação, com trocas recíprocas permeadas por conexão, afeto, dedicação e confiança (Berhane et al., 2023; Cabrera et al., 2014; Campana et al., 2019; Garcia-Portuguez et al., 2020; Lee, 2024; Mendes et al., 2019; Souza et al., 2020; Tachibana & Resende, 2020).

De sorte que a parentalidade paterna pode ser entendida a partir da Teoria Sistêmica de Bowen (TSB). Bowen assumiu a família como um sistema natural, delineado pelo processo evolutivo da espécie humana, se concentrando no comportamento coletivo, não no individual.

Logo, a família é demarcada pela ligação de cada membro ao outro, numa interação dinâmica com o ambiente, demandando adaptação às suas necessidades internas ou externas (Bowen, 1978; Otto & Ribeiro, 2021).

Ao considerar o ser humano um ser social inscrito numa herança evolutiva, Bowen traçou os pressupostos dos sistemas emocional e intelectual. O sistema emocional é o mais ligado ao biológico, sendo responsável pelas funções instintivas e automáticas, típicas do sistema nervoso autônomo, possuindo caráter primitivo e inconsciente. Já o sistema cognitivo ou intelectual concede ao homem autocontrole, um olhar mais objetivo, distinto dos comportamentos regidos pelo seu sistema emocional. Como atributo próprio e específico da espécie humana, esse nível representa o último grau da escala filogenética evolutiva (Bowen, 1978; Kerr & Bowen, 1988; Otto & Ribeiro, 2020; 2021).

Ora, o funcionamento do sistema emocional é determinado pela interação de duas forças vitais: o pertencimento e a individualidade. A individualidade se esboça por meio da Posição do Eu, na qual há responsabilidade por si próprio, por sua felicidade e bem-estar, não responsabilizando os outros por sua infelicidade. O pertencimento trabalha para a união do sistema familiar, considerando os seus membros semelhantes em valores e sentimentos, atribuindo um valor positivo ao pensar nos outros antes de si, sentir-se responsável pelo bem-estar do outro e ofertando devoção e compaixão (Bowen, 1978; Kerr & Bowen, 1988; Otto & Ribeiro, 2020).

O conceito central da TSB é a diferenciação de self, que envolve tanto a integração entre sentimentos e pensamentos, quanto a dinâmica adaptativa entre individualidade e pertencimento (Bowen, 1978; Kerr & Bowen, 1988; Otto & Ribeiro, 2020).

Pensamentos e sentimentos, provindos dos sistemas cognitivo e emocional, podem, por meio da diferenciação de self, “trabalhar como uma equipe”: o indivíduo pode se autorregular a ponto de agir conforme os sentimentos, ou segundo os pensamentos, a depender da circunstância e de sua avaliação da circunstância. Logo, quando o indivíduo é diferenciado, emoções e pensamentos são funções separadas e integradas (Bowen, 1978; Kerr, 2019; Papero, 2021; Otto & Ribeiro, 2020).

Individualidade e pertencimento, por meio da diferenciação de self, são modulados adaptativamente pelo indivíduo, que, regido por ambas as forças, consegue estar presente e responsável nos relacionamentos, sendo fiel aos seus princípios, agindo e pensando em si mesmo (Bowen, 1978; Kerr, 2019; Miller, 2022; Otto & Ribeiro, 2020; Rakow, 2022;).

Ao passo que indivíduos com menor grau de diferenciação estão imersos em contexto de fusão emocional. A fusão é descrita por uma inclinação majoritariamente voltada para o

pertencimento (togetherness) do que para a individualidade. Uma vez que a energia dos indivíduos é amplamente investida na relação, cada pessoa tem a sensação de estar gerando bem-estar ao outro, suscitando a percepção de completude. Por outro lado, uma pessoa pouco diferenciada pode ser altamente reativa aos ditames de sua família, adaptando-se a eles de maneira submissa ou, ao contrário, rebelando-se contra eles (Bowen, 1978; Kerr, 2019; Miller, 2022; Mozas-Alonso et al., 2022).

Outro conceito central para a TSB é o de ansiedade, tida como uma reação do organismo a uma ameaça real ou imaginada. A TSB propõe dois tipos de ansiedade, a ansiedade aguda, que é uma resposta de tempo limitado a ameaças reais; e a ansiedade crônica, que é aprendida no início do desenvolvimento e é associada disfunções no relacionamento familiar. Levando em conta o grau de diferenciação de self do indivíduo no sistema familiar, se este for bem diferenciado e sofrer um evento ansiogênico ou estressor, ele é capaz de se autorregular sem deixar os outros ansiosos (Kerr, 2019; Kerr & Bowen, 1988; Murdock et al., 2022).

A TSB reconhece, no exercício parental, que os pais devem se concentrar em se autorregular emocionalmente, pois na medida em que se autorregulam oportunizam um ambiente mais calmo para a criança, fazendo com que a mesma se acalme, em uma correção. Assim os pais, após sua efetiva autorregulação emocional e gerir sua própria ansiedade, têm a responsabilidade de apoiar emocionalmente seus filhos, os estimulando a ter autonomia. Ao passo que um excessivo apoio emocional, para além das necessidades reais dos filhos, impede que os pais sejam um recurso para o desenvolvimento dos filhos (Kerr, 2019; Miller, 2022).

No cenário de fusão emocional e excessivo apoio emocional, a comunicação e as ações da família funcionam ou para restringir os outros, ou para ser excessivamente permissivo. No âmbito restritivo, as pessoas tentam administrar sua própria ansiedade tentando controlar o que os outros dizem e fazem, acreditando que, ao exercer mais controle, podem fazer com que os outros funcionem melhor. No âmbito permissivo, os sujeitos tentam controlar a sua ansiedade tentando satisfazer as expectativas irrealistas que os outros os atribuem, pois acreditam firmemente que, para corrigir os outros, ser mais compreensivo e amoroso é a melhor opção. Logo, compreende-se que é incumbido aos pais serem um recurso para propiciar à criança o comportamento autorresponsável, concedendo aos filhos, além de amor e atenção, “*self*” (Kerr, 2019; Miller, 2022).

A dinâmica parental traz consigo não só a possibilidade de conceder autonomia e pertencimento aos filhos, mas também a repetição geracional do grau de diferenciação de self dos membros do sistema familiar. Assim, o grau de diferenciação de uma pessoa está

intimamente ligado à sua relação com sua família de origem. Na interação entre os subsistemas filial e parental, a diferenciação de self de uma criança será influenciada pela diferenciação dos pais e destes com suas famílias de origem (Bowen, 1978; Kerr, 2019; Kerr & Bowen, 1988; Otto & Ribeiro, 2020; Papero, 1998).

Por sua vez, quanto mais os pais “prendem” a criança em uma dinâmica de cada vez mais pertencimento e menos autonomia para gerir a ansiedade do sistema, mais ela desenvolverá a necessidade de outra pessoa completar o seu *self*. A essa simbiose emocional, Bowen denominou “ligações emocionais indiferenciadas” (Kerr, 2019; Papero, 1998).

As ligações emocionais indiferenciadas de uma pessoa em relação a seus pais estão associadas à indiferenciação e são consideradas a base das fusões emocionais. Na medida em que, quanto mais alto o grau de diferenciação uma pessoa possui, menos ligações emocionais indiferenciadas terão que ser manejadas em seus relacionamentos intra e extrafamiliares (Papero, 1998).

Convém ressaltar que a tradução literal do conceito de Bowen é “ligações emocionais não-resolvidas”, e a substituição pelo termo “indiferenciadas” fomenta o debate em que o adulto não deve seguir a conotação moral de ter apenas ligações emocionais bem-resolvidas com sua família. É necessário um comprometimento com outro que muitas vezes pode ser visto como indiferenciação. Kerr (2019) vem corroborar esse pressuposto ao apontar que em relacionamentos familiares entre adultos se faz necessário existir um pequeno grau de fusão emocional.

Uma vez que as pessoas podem carregar consigo a ligação emocional indiferenciada, repetindo interações problemáticas com os pais na relação com a esposa ou filhos, a TSB enfatiza a importância de o adulto refletir sobre as suas relações na sua família de origem, bem como processar a forma como o que foi aprendido nessa relação continua a influenciá-lo. Em virtude disso, auxilia os indivíduos a verem como as ligações indiferenciadas os estão afetando, os instruindo a concentrarem mais em assumir a responsabilidade pela sua própria felicidade e mudando o seu posicionamento diante dos padrões disfuncionais de funcionamento (Kerr, 2019; Miller, 2022).

De fato, a parentalidade paterna pode ser uma fonte de felicidade, afetos positivos e consolidação de vínculos entre pai e filho. Da mesma forma, o pai pode tanto estimular a autonomia infantil quanto estabelecer limites (Baumrind, 1991; Berhane et al., 2023; Biasutti et al., 2021; Garcia-Portuguez et al., 2020; Ghaleiha et al., 2022; Santos, 2019; Solberg et al., 2023; Souza et al., 2020)

Por outro lado, o descontrole e a falta de regulação emocional, a constante obediência, controle rigoroso e encarar os comportamentos infantis sempre como negativos, podem gerar uma parentalidade coercitiva e autoritária (Azevedo & Bazon, 2021a; Azevedo & Bazon, 2021b; Baumrind, 1991; Santos, 2019).

Além disso, o pai pode questionar o modelo parental que recebeu da figura paterna em sua família de origem, vista como ausente e distante, buscando ser um pai presente, participativo e afetuoso, indo além da provisão e do exercício de autoridade (Campana et al., 2019; Garcia-Portuguez et al., 2020; Lewigton et al., 2021; Pereira & Reis, 2022; Quadros Cherer et al., 2021; Simões & Santos, 2023; Tachibana & Resende, 2020).

Com isso, o presente artigo objetiva investigar de que forma a diferenciação de *self* influencia a parentalidade de homens primíparos.

Vale destacar que a diferenciação de *self* foi abordada nos procedimentos de coleta de dados por meio de três conceitos da TSB: Posição do Eu, Fusão emocional e ligações emocionais indiferenciadas. Dessa maneira, foram elaborados os três objetivos específicos do presente estudo qualitativo, sendo eles: examinar de que modo a Posição do Eu possibilita a felicidade na parentalidade paterna; identificar como a Fusão emocional influencia o exercício parental paterno, e distinguir de que maneira as ligações emocionais indiferenciadas trazidas da figura paterna da família de origem repercutem na paternidade no presente.

MÉTODO

Delineamento

Trata-se de um estudo qualitativo, transversal, exploratório e descritivo. Os dados foram interpretados conforme a Teoria Sistêmica de Bowen (Bowen, 1978; Kerr, 2019; Kerr & Bowen, 1988).

Participantes

Os participantes foram recrutados em dois momentos. No primeiro recrutamento os participantes foram convidados por meio de um formulário autoaplicável na ferramenta *Google Forms*, por meio de divulgação nas redes sociais com a descrição da população-alvo. Por motivos de desistência ou não retorno ao contato do pesquisador por partes de todos os participantes, foi realizado o segundo recrutamento. Nesse segundo recrutamento, os participantes foram convidados por meio de amostra por conveniência, na qual se indicava ao pesquisador possíveis participantes e ele entrava em contato. Ao final, dois participantes

aceitaram o convite de participar da pesquisa, estando em consonância com os critérios de inclusão e exclusão.

Os critérios de inclusão foram ter entre 18 e 58 anos, ser pai pela primeira vez, ter tido contato com seu pai durante a infância e/ou adolescência, ter um(a) filho(a) biológico(a) de até 18 meses de idade, possuir a escolaridade igual ou superior ao ensino médio, estar casado ou em união estável. Já os critérios de exclusão foram ser divorciado ou recasado, ser pai solteiro e possuir alguma dificuldade psicológica ou cognitiva que impeça a efetiva participação na coleta de dados.

Os dados sociodemográficos dos participantes dos dois recrutamentos, assim como a sua participação ou desistência estão contidos no Quadro 1.

Quadro 1. Dados sociodemográficos dos participantes

Pseudônimo	Idade	Raça/etnia	Escolaridade	idade do filho	Participação na entrevista
João	25	Branco	Ensino Superior	11 meses	Sim
Pedro	32	Pardo	Ensino Superior	7 meses	Sim
Caio	29	Branco	Ensino Médio	15 meses	Não
Flávio	47	Indígena	Ensino Médio	27 anos	Não
Tadeu	31	Branco	Ensino Superior	4 meses	Não

Instrumentos de Pesquisa

a) Questionário sociodemográfico

Este instrumento objetivou coletar características sociodemográficas, tais como idade, raça, escolaridade, empregabilidade e informações sobre a paternidade.

b) Entrevista episódica

Para explorar a experiência paterna em seu caráter subjetivo foi empregada a entrevista episódica. A entrevista episódica (Flick, 2010) é descrita tanto como uma metodologia narrativa quanto semiestruturada, busca trazer experiências subjetivas sobre um determinado fenômeno, partindo dos pressupostos da psicologia narrativa, assim como daquelas experiências advindas de situações concretas e específicas, e abstratas e generalizadas, conforme os conceitos de memórias episódica e semântica. A mesma segue nove fases: preparação para a entrevista; introduzindo a lógica da entrevista; a concepção do entrevistado sobre o tema e sua biografia com relação a ele; o sentido que o assunto tem para vida cotidiana

do entrevistado; enfocando as partes centrais do tema em estudo; tópicos gerais mais relevantes; avaliação e conversa informal; documentação; e análise da entrevista episódica. Vale ressaltar que a entrevista propriamente dita vai da segunda à sétima fase.

Na primeira fase foi exposto a lógica da entrevista (“contar situações em que você teve certas experiências como pai”), seguidos, na segunda e terceira fase, por explorar com o participante qual o significado da paternidade, as experiências marcantes da história paterna e as dificuldades do papel paterno, bem como reflexões sobre a importância da paternidade, benefícios à vida pessoal do homem e quais mudanças foram por ela geradas.

Na quarta fase foram trabalhadas as partes centrais do estudo qualitativo, investigando como a experiência subjetiva da paternidade é delineada por meio da diferenciação de self por meio dos conceitos de “Posição do Eu”, “Fusão emocional” e “ligações emocionais indiferenciadas”. Nas perguntas voltadas a Posição do Eu foi levantado quais situações geram felicidade ao homem-pai em dias em que não predominam as sensações de ansiedade, tensão ou estresse, e em dias em que o pai se encontra estressado, tenso ou ansioso. Nas perguntas direcionadas à Fusão emocional foi abordado situações em que, quando o pai está estressado, tenso ou ansioso, ele exerce ora uma parentalidade permissiva ora uma parentalidade autoritária. Nas perguntas orientadas para “as ligações emocionais indiferenciadas” foram debatidas como o modelo paterno vivido na infância se reflete na paternidade presente, seja em dias sem a predominância da ansiedade, estresse ou tensão, numa repetição de comportamentos, seja em dias em que pai se encontra tenso, ansioso ou estressado, onde ele replica comportamentos indesejados e negativos de seu pai.

Na sexta fase foi discutido sobre como os homens devem se posicionar para serem bons pais e quais mudanças positivas ou progressos o entrevistado espera que venham a ocorrer com os pais no futuro. Na sétima fase houve a avaliação e conversa informal, na qual o entrevistado teve liberdade para expor o seu ponto de vista, algum aborrecimento causado por qualquer pergunta, e o entrevistador pôde trazer ao debate pontos que emergiram durante a entrevista, mas que não estavam contidos nas perguntas. Na oitava fase houve a documentação da entrevista, com as impressões sobre o processo da entrevista e sobre o entrevistado e a nona fase envolveu a análise dos dados trazidos pela entrevista.

Procedimentos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas sob o parecer nº 6.594.008. Após a aprovação foi divulgado nas redes sociais (*Instagram, Whatsapp*) um *Formulário Google* contendo o questionário sociodemográfico e o convite para participar da entrevista. Dos 16 respondentes, 3 aceitaram

participar da entrevista. Porém por não retornarem o contato do pesquisador ou por conta de questões na jornada de trabalho, todos não puderam ser entrevistados. Seguiu-se o recrutamento por meio de indicação de participantes, cinco novos participantes aceitaram o convite, no entanto, um pai não pôde participar por questões da carga horária de trabalho; outro não pôde por conta de não poder entrar em contato com o pesquisador (ficou sem telefone e administrava suas questões laborais pelo celular da esposa); outro por questões de saúde da esposa e mudança do local de trabalho, não pôde participar. Dois pais foram entrevistados individualmente por videochamada, conforme sugestão de ambos. As entrevistas variam entre 40 e 50 minutos, sendo elas gravadas e arquivadas em registros e locais privados do pesquisador. Após isso, as entrevistas foram transcritas e submetidas à análise de dados qualitativa.

Análise de dados

Os dados foram submetidos à Análise Temática (Braun & Clarke, 2023). A Análise Temática de Braun e Clarke (2023) é um método sistemático que busca identificar, organizar e oferecer uma visão dos padrões de significado (temas) em um conjunto de dados. Ao centrar-se no significado de um conjunto de dados, a AT permite ao investigador ver e dar sentido a significados e experiências coletivas ou compartilhadas. Enquanto método busca identificar o que é comum à forma como se fala ou se escreve sobre um tópico e como se dá sentido a esses pontos comuns. Neste sentido, pode concentrar-se legitimamente na análise do significado de todo o conjunto de dados ou pode examinar em profundidade um aspecto particular de um fenômeno. De sorte que, sendo um método de análise de dados qualitativos, prescreve seis fases a serem seguidas: familiarização com os dados; gerando códigos iniciais; buscando temas; revisando os temas; definindo e nomeando os temas; e produzindo o relatório.

Além disso, a presente análise dos dados qualitativos contou como um auxílio da Inteligência Artificial *Requalify*, onde foram trabalhados TAGs, análises gráficas e comparações entre os achados das entrevistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise qualitativa gerou três temas: “felicidade paterna”, “indiferenciação-diferenciação parental” e “diferenciação intergeracional”. Esses temas refletem o quanto a TSB pode enxergar a parentalidade paterna como um fenômeno relacional, ambíguo e reflexivo, quer para o homem, quer para os demais membros do sistema familiar. Da mesma forma,

puderam ser vistas a emocionalidade e a relacionalidade paterna, isto é, como ele gerencia suas emoções e como vivencia seus relacionamentos.

Felicidade paterna

No tema “felicidade paterna” foi percebido que a Posição do Eu masculina vai além de crenças e convicções pessoais que não são abandonadas na relação com os outros. Pelo contrário, a Posição do Eu paterna se evidencia pela conexão e interdependência entre o homem e a sua família. Com isso, a Posição do Eu ressalta seu caráter relacional por meio de afetos compartilhados, manutenção de vínculos mútuos e do pertencimento na família, e controle e correção do estresse no sistema familiar.

No subtema “crescimento infantil” foi observado, a partir da experiência de João, o quanto a evolução e crescimento da criança foram fontes da felicidade paterna, por meio dos cuidados com a alimentação, o desenvolvimento físico-motor e as relações de troca afetiva e a comunicação pai-filho.

“Às vezes eu fico olhando para as fotos dele pequeno e de agora, para ver como ele cresceu, como ele evoluiu. E isso traz uma felicidade muito grande” (João).

A felicidade paterna impacta todo o sistema familiar, uma vez que a felicidade do homem decorrente de seu desempenho no compartilhamento da educação infantil, pode ser proporcionado felicidade a ele, à sua parceira e ao filho (Lee, 2024).

A felicidade paterna e sua repercussão no sistema familiar pode ser exemplificada nos momentos de alimentação, onde se observa a conexão entre pai e filho, se atentando para comportamentos, estados de humor e níveis de energia da criança. Apesar de, às vezes, se apresentar de modo impaciente, o pai pode ser divertido, autoritativo e enfatizar a importância de sua presença nesse momento de troca (Harris et al., 2021; Le Moal, 2024).

Em “vinculação familiar” Pedro evidencia a manutenção e consolidação dos vínculos entre pai e filho e entre pai, mãe e filho. Essa “felicidade em família” se torna evidente quando Pedro retorna do trabalho e é bem recebido pela sua família, quando seu filho mantém contato através de um sorriso, quando a família sai para passear ou simplesmente quando estão juntos e conversam. Há, dessa forma, vínculos marcados por trocas afetivas e carinho.

(...) É por exemplo quando eu chego do trabalho, minha esposa e meu filho estão me recebendo na sala de casa. No momento que eu acordo. Meu filho ainda dorme com a gente. Quando o meu filho acorda, dá um sorriso, fica olhando pra gente. Isso é felicidade em família, sabe (Pedro).

Na relação pai-filho percebe-se que há um contato mantido e fomentado por vínculos afetivos recíprocos, nos quais os pais sentem afetos positivos como amor, orgulho, satisfação, diversão e felicidade (Berhane et al., 2023; Garcia-Portuguez et al., 2020; Ghaleiha et al., 2022; Solberg et al., 2023).

Partindo da experiência de João, no subtema “autorregulação dos afetos paternos”, sobressai a necessidade paterna de manejar o estresse e a irritação em ambientes estressores e diante das reações do bebê. Nesse contexto, o pai precisa lidar com a sua irritação, com a incerteza ao saber como lidar com o desconforto do bebê, como acalmá-lo e relaxá-lo, da mesma forma que enfatiza a necessidade e a importância do estresse infantil para o desenvolvimento e bem-estar do filho, e o quanto que ver o filho bem, saudável e tranquilo o gera felicidade.

Quando você consegue, né... o que traz a felicidade é você ver que ele tá calmo, que ele tá bem e que o motivo daquele choro que ele teve foi simplesmente (...) um estresse dele mesmo, não por uma doença ou por uma coisa assim do tipo. É um ato dele mostrar assim que ele tá saudável. Eu vejo assim né. E esse de certa forma é o acalento, ver que o meu filho está se desenvolvendo, ver que ele tá calmo, ver que ele tá bem. E essa é a felicidade que me traz. Ele estar bem (João).

À medida que os pais se autorregulam emocionalmente, gerando um ambiente calmo, estimulam a criança a se acalmar, numa correção. Esse contexto pode conceder ao filho autonomia, autoconfiança e independência, de modo que suas capacidades emocionais sejam expressas com adaptação, equilíbrio e responsabilidade social (Baumrind, 1991; Kerr, 2019; Mendes et al., 2019; Miller, 2022).

Assim, essa necessidade de proximidade emocional com os filhos, evidenciada por amor e carinho recíprocos, também aponta a importância de a criança desenvolver responsabilidade, senso crítico e capacidade de futuramente tomar as próprias decisões (Biasutti et al., 2021; da Mata & Scorsolini-Comin, 2022; Fernandes & Santos, 2019; Santos, 2019).

Ao longo dos três subtemas apontados acima foi percebido que a Posição do eu, e consequentemente um bom nível de diferenciação de self, enfatiza o caráter relacional da parentalidade paterna. Porém, as relações humanas possuem um caráter ambíguo, complexo e não-linear em que a emocionalidade e a relacionalidade tipificadas pela TSB podem se apresentar como um jogo entre diferenciação e indiferenciação. Essa ambivalência é discutida no tema a seguir.

Indiferenciação-diferenciação parental

No tema “indiferenciação-diferenciação parental” é preconizado que na experiência paterna coexistem traços de indiferenciação e diferenciação. A Fusão Emocional, associada à indiferenciação, influenciou a parentalidade paterna da mesma forma que a diferenciação, tipificada pela Posição do Eu. A diferenciação pode ser vista por meio da parentalidade autoritativa e a indiferenciação, por meio da parentalidade coercitiva.

No subtema “projeto parental paterno” João ressalta a necessidade de reconhecer o constante aprendizado infantil e de ensinar demonstrando, participando e acompanhando.

Esse estímulo à autonomia infantil pode ser transmitido através do diálogo. Enquanto incentivo ao diálogo pode-se levar em conta a autonomia da criança e o respeito à sua individualidade, sem que os pais deixem de exercer sua autoridade e decidam quais serão as condutas infantis, transmitindo o respeito à autoridade e às outras pessoas (Biasutti et al., 2021; da Mata & Scorsolini-Comin, 2022).

Além do estímulo à autonomia, o pai pode ser tido como um modelo e um exemplo para seu filho, orientando, aconselhando, conversando, disciplinando, participando e ensinando por demonstração (Berhane et al., 2023; Mendes et al., 2019).

Uma vez que o perfil Autoritativo é caracterizado por conduta democrática, orientação constante e estimulação e encorajamento da autonomia, observa-se que há uma correlação entre esse estilo parental e a Posição do Eu. Logo, quanto mais o pai é bem diferenciado mais pode pautar-se num estilo parental autoritativo (Mozas-Alonso et al., 2022; Souza et al., 2020).

Já em situações estressantes enfatiza-se a necessidade de não ser autoritário, de impor limites com o uso da força, ou empregar a punição corporal, gerando reações emocionais negativas na criança e sentimento de culpa nos pais, sendo que estes buscam alternativas para compensar o erro ou atitude impensada.

A punição física, enquanto estratégia disciplinar, pode ser tida como uma forma de proteção, enfatizando o direito das famílias de educar seus filhos da forma que julgam correta. Por outro lado, há a dificuldade intergeracional de não reproduzir o uso de castigos físicos. Assim, os pais, movidos pela raiva, pelo descontrole emocional e pela tendência de interpretar o comportamento infantil sempre como negativo, empregam a punição física (Azevedo & Bazon, 2021a; Azevedo & Bazon, 2021b; Dalla Porta et al., 2021; Santos, 2021).

Como repercussões da punição física estão os sentimentos de ódio, culpa, tristeza, desejo de vingança, vergonha e ressentimento, bem como induzem a mentira e a autorrecriminação, não estimulam a autoavaliação e a autodisciplina, abalam a autoestima e a

autoimagem, e misturam as noções de violência e amor (sentimentos e julgamentos infantis justificam os castigos físicos). De modo que, como alternativas a punições estão: falar positivamente, oferecer escolhas e deixar que a criança experimente as consequências das suas atitudes (Lima et al., 2021; Santos, 2019).

Para além das punições físicas, observa-se que há um ciclo que gira em torno de autoritarismo, permissividade para compensar os momentos de autoritarismo, e culpa, levando à desconexão e não ao desenvolvimento de responsabilidade na criança (Santos, 2019).

Além disso, há o compartilhamento do controle parental entre pai e mãe, juntamente com o manejo conjunto do estresse.

Olha assim, (...) meio que quem coloca mais autoridade sobre ele é minha esposa, né. Por que assim, a gente se ajuda muito, por que tem dias que ela está muito estressada, outros dias eu que estou estressado(...) então meio que nós dois temos esse, bora falar assim, que esse pacto se um ta muito estressado, o outro que ta menos vai cuidar da criança(...) (João).

A parentalidade paterna também envolve como pais e mães dividem suas responsabilidades parentais. Ainda que a mulher seja considerada a responsável pela família, defende-se a não exclusividade do papel materno nos cuidados. Ao confiar no homem como cuidador e fonte de sustentação e amparo, a díade parental compartilha espaço na criação, numa corresponsabilidade e divisão dos cuidados com o bebê e com os afazeres domésticos (Campana et al., 2019; Gualberto & Andrade, 2021; Matos & Magalhães, 2019; Tachibana & Resende, 2020).

Da mesma forma, essa corresponsabilidade dos papéis parentais entre pai e mãe pode ser compreendida por meio do conceito de coparentalidade, que envolve os modos com que os pais ou as figuras parentais reconhecem um ao outro em seus papéis de pais e na criação dos filhos, com apoio e cooperação (ou a ausência destes) (Feinberg, 2003).

Assim, há a relação entre estresse, parentalidade e coparentalidade. Pais com níveis mais baixos de estresse parental na interação com a criança podem estar mais envolvidos em termos de cuidados e disponibilidade. O estresse parental com maiores índices pode ser associado a menor qualidade da coparentalidade e maiores índices de parentalidade coercitiva. Do mesmo modo, quanto menos conflito na coparentalidade é percebido pela mãe e maior pode ser a participação do pai nos cuidados diretos e indiretos, menor o estresse materno (Arrais & Vieira-Santos, 2021; d’Orsi et al., 2023; Lucassen et al., 2021).

Em “responsabilidade afetiva paterna”, Pedro defende que a família é “um porto seguro”, fonte de mudanças pessoais e de transmissão de comportamentos ao filho. Dessa

forma, para proteger a família de si mesmo ao impor idéias, “passar dos limites” e manifestar emoções negativas em situações de estresse e irritação, ele prefere se isolar.

Às vezes eu vejo que eu não, para mim não transparecer para a minha família, para mim não externar algo que eu não queira na hora da raiva, por isso que eu me isolo. Eu tenho um pouco de dificuldade com isso, mas (...) eu quero mudar né. Logo quando a gente casa, a gente quer mudar pra melhor, para a outra pessoa. Então até para a gente não passar para o nosso filhinho, eu procuro ficar “na minha” assim (Pedro).

A autorregulação emocional paterna também pode receber influências dos padrões da masculinidade. Partindo de uma perspectiva de gênero, observa-se que homens são tidos como autônomos, racionais e objetivos, apresentando distanciamento afetivo, menor amplitude da resposta emocional e menor contágio emocional que as mulheres (Gilligan, 2013; Marinho & Ecco, 2020; Táíwò, 2020).

A experiência paterna pode demonstrar como as relações humanas são marcadas por conexão e interdependência, na medida em que as práticas de cuidado podem unir razão e emoção. Ao exercer a parentalidade, o homem pode viver sua vulnerabilidade afetiva e respeitar a autonomia do outro, ou restringir sua resposta emocional levando em conta o bem-estar de outra pessoa (Escamez-Sanchez & Gil-Martinez, 2023; Gilligan, 2013; 2020; Táíwò, 2020).

Uma vez que a socialização masculina nas culturas ocidentais reforça a emocionalidade restritiva, que pode ser percebido uma estratégia de gerenciamento das emoções, em que o desempenho emocional público limita o alcance dinâmico da expressão emocional. Logo, há o uso de habilidades emocionais para suprimir e reforçar estrategicamente os sentimentos, gerenciando a maneira e a intensidade com que as emoções são expressas, e não simplesmente se elas são ou não expressas. Essa estratégia de gerenciamento, se bem executada, deve proporcionar clareza, uma comunicação mais completa de seus estados emocionais e é potencialmente pró-social e positivo, mantendo a vida social pacífica, justa e livre de contágio emocional (Táíwò, 2020).

Além do jogo entre diferenciação e indiferenciação, e sua expressão na parentalidade autoritativa e coercitiva, percebe-se que a emocionalidade e a relacionalidade paternas exigem a conexão e a interdependência do homem na família à medida que ele impõe limites respeitando a autonomia infantil, compartilha seu controle parental com a mãe e cuida da família ao gerir seus afetos, prezando pelo bem-estar de todos, ainda que isso exija se conter e se isolar. Todavia, a diferenciação de self também possui caráter intergeracional, de sorte que

padrões comportamentais e emocionais desses pais podem ter sido transmitidos por suas famílias de origem. Esses padrões geracionais são abordados no tema a seguir.

Diferenciação intergeracional

No tema “Diferenciação intergeracional” foi distinguido o quanto as ligações emocionais indiferenciadas da família de origem dos pais repercutiram em seu exercício parental. Esses padrões geracionais foram percebidos pela autocrítica em relação à sua história de criação, uma vez que ao invés de ser ausente e distante como seus pais, João e Pedro almejam ser pais presentes, cuidados e responsáveis. Além disso, vale destacar que outros modelos parentais da família de origem repercutiram na parentalidade paterna.

No subtema “ausência-distância paterna” ambos os pais retrataram o contato com seus pais de forma ausente ou distante.

Para Pedro, seu pai, apesar de tranquilo e flexível nas ideias, dedicava-se exclusivamente ao seu papel de provedor e responsável pelo conforto material da família, reforçando a noção de ter tido um pai ausente.

A dedicação exclusiva à provisão financeira da família pode ser uma fonte de distanciamento paterno. De fato, o pai provedor era um ente afastado e desinteressado pelo cotidiano da criança, distante de encontros afetivos. Apesar disso, era um símbolo de nobreza, dignidade e honra. Na atualidade, o pai pode, pelo contrário, desejar ter uma parentalidade ativa, não se dedicando exclusivamente ao trabalho, mudando o modelo paterno das gerações anteriores (Garcia-Portuguez et al., 2020; Lewington et al., 2021; Nolasco, 1993; Quadros Cherer et al., 2021).

Já João foi educado numa família de pais divorciados. Seu pai mostrava-se distante, sem ter afeição pelo filho e se colocava no papel de “pagador de pensão”. Os conflitos conjugais dos genitores reverberavam na relação pai-filho, onde a mãe se responsabilizava por todo o cuidado parental diante dos conflitos, buscando alternativas para lidar com a distância paterna. João, a partir disso, enfatiza a necessidade do pai para o desenvolvimento da criança, a partir do respeito, da participação e do ensino de padrões de conduta social.

É como a gente vê nesses filmes que o pai ele é presente e tem o pai que ele é ausente. Aí você tem aquele respeito por ele por ele estar participando, mas quando você não participa, isso... gera várias coisas numa criança que ta em desenvolvimento. Até os oito anos dela, ela ta aprendendo o que ela quer ser, o que ela vai ser. Se você

não souber ensinar, vai saber o que ela vai fazer da vida. Tem pessoas que dão certo, mas têm pessoas que não dão (João).

A experiência do divórcio também pode ser uma fonte de distanciamento e/ou ausência paterna. Neste sentido, o divórcio que reforça a importância de manter a separação conjugal como assunto do casal, evitar conflitos que prejudiquem a relação entre eles, como pai e mãe, e no relacionamento com os filhos. Entretanto, pode ocorrer um emaranhamento dos aspectos relacionais do ex-casal com os acordos de guarda, pensão alimentícia dos filhos e a exclusão do convívio paterno com a criança pela mãe (Campeol et al., 2021; Oliveira & Crepaldi, 2021; Oliveira et al., 2022).

Ainda que a manutenção do relacionamento com o ex-cônjuge seja essencial para o desenvolvimento saudável dos filhos, percebe-se pais e mães se desqualificando e minando o relacionamento um com o outro. De modo que há a necessidade de não envolver a criança em situações conflituosas, praticando uma comunicação direta e focada no melhor interesse da criança, a divisão dos cuidados aos filhos e suporte e apoio mútuo (Oliveira et al., 2022).

O distanciamento paterno pode ser evidenciado pela ausência de compromisso e responsabilidade pelo cuidado e educação dos filhos, sendo o valor pago da pensão alimentícia sua participação mais efetiva no exercício parental. Embora o pai tenha a tendência de diminuir o tempo de convívio com o filho, de não estar presente fisicamente e precise acordar sua participação com a mãe, observa-se que o homem pode combinar de ir buscar a criança e não comparecer, se fazendo necessário lidar com a tristeza e ansiedade da criança. Uma vez que o pai não retoma o contato exigido pela mãe, a ausência paterna gera na criança dificuldades emocionais e sentimento de rejeição (Campeol et al., 2021; Oliveira et al., 2022).

Em “autenticidade paterna” João e Pedro traçam, ainda que de modo distinto, qual pai querem ser e qual modelo parental querem deixar para os seus filhos. João afirma seu papel paterno através de brincadeiras, trocas afetivas, e em interações pai-filho marcadas por carinho e envolvimento recíproco.

Uma das principais atividades do envolvimento paterno são os jogos físicos, sendo estes mais empregados pelos pais do que pelas mães. Os jogos físicos são uma área mais propícia para a interação pai-filho, sendo uma forma de estímulo ao crescimento infantil e uma atividade que diferencia o exercício paterno do materno. Assim, quanto mais os pais referiram se envolver em jogos físicos e abertura ao mundo com seus filhos, mais eles prestaram suporte emocional à criança e mais estiveram envolvidos com os cuidados diretos e indiretos (Berhane et al., 2023; Gomes et al., 2022; Solberg et al., 2023; Souza et al., 2020).

Por outro lado, João zela pelo respeito e obediência do filho diante da imposição de regras e limites. A resposta dada pelo filho precisa ser coerente com as ações do pai, para que se evite o uso de brigas, gritos ou punição física.

A parentalidade coercitiva e autoritária pode ser percebida pelo descontrole e pela falta de regulação emocional, pela constante obediência e controle rigoroso, e encarar os comportamentos infantis sempre como negativos (Azevedo & Bazon, 2021a; Azevedo & Bazon, 2021b; Baumrind, 1991; Santos, 2019).

Além disso, João, um pai que fica em casa (*stay-at-home father*), comenta a sua saída do emprego e sua dedicação exclusiva à parentalidade, enfatizando a necessidade de ser um pai presente, que cuida, zela, pensa no filho em primeiro lugar e que é importante na vida da criança.

Por sua vez, pode haver o desejo de ser um pai presente, afetuoso e dedicado, divergindo da experiência da família de origem, onde se vivenciou uma presença paterna distante e sem proximidade. Desse modo, o pai se prontifica a ter uma conexão integral com seu filho e se compromete com a parentalidade, se dispondo a reconhecer as necessidades básicas do seu filho, proporcionando segurança, tranquilidade e proteção (Campana et al., 2019; Garcia-Portuguez et al., 2020; Pereira & Reis, 2022; Quadros Cherer et al., 2021; Simões & Santos, 2023; Tachibana & Resende, 2020).

Ser um pai presente também foi algo apontado por Pedro, que deseja estar presente e participando da futura vida escolar do filho, ser um provedor do sustento material e de relações familiares afetuosas, sendo, dessa maneira, um pai melhor do que ele teve.

Então, eu quero ser um pai presente para o meu filho, né. Eu quero participar das atividades na escola. Então assim, eu quero isso para o meu filho, eu quero ser um pai melhor do que o meu pai foi comigo, entendeu... Então, eu quero dar o melhor para ele tanto financeiramente quanto afetivamente (Pedro).

O papel de provedor da família pode, nos dias atuais, se misturar com uma maior presença paterna na rotina familiar marcada pelo envolvimento emocional, participação e comprometimento, sendo um suporte simbólico e afetivo, dividindo as tarefas de cuidado dos filhos com a esposa (Marinho & Ecco, 2020; Trage & Donelli, 2020).

Em “autocrítica dos padrões geracionais” João e Pedro discutem quais figuras parentais foram importantes para o modelo paterno exercido no presente.

João destaca as práticas educativas da avó, marcadas por falta de monitoria e uso de punição corporal como forma de dar amor. Apesar disso, ao criticar o modelo parental recebido,

João busca educar seu filho pela demonstração e acompanhamento, evitando o uso de punição física.

Os avós podem ser uma rede de apoio a pais e mães, assumindo responsabilidades, dividindo os cuidados com a criança, fornecendo ajuda e respeitando as limitações de seu papel. De sorte que podem aconselhar, orientar, reforçar as orientações parentais, colaborando e apoiando, uma vez que a responsabilidade de educar é dos pais. Além disso, vale destacar que, no cenário atual, a participação de avós na educação e socialização dos netos, enquanto família extensa, decorre das demandas de divórcio e desemprego dos pais recorrentes (Biasutti et al., 2021; Cardoso & Brito, 2014; Castro, 2022).

Também é apontado por João a figura do padrasto, que, diferentemente de seu pai, forneceu a ele padrões de conduta social e afetiva, fomentando na relação pai-filho a confiança, o apoio, a presença e o cuidado.

A figura do padrasto enquanto cuidador pode ser fonte de intimidade, cuidado, afeto e proteção. A partir do acolhimento da criança, da autorização da mãe e do posicionamento do padrasto, a família pode ser reconfigurada e a relação padrasto-enteado pode propiciar desenvolvimento e crescimento mútuo. Em decorrência desse investimento de tempo, afeto e interesse, o padrasto entra na cena familiar e pode impor limites e responsabilidades (Pettay et al., 2023; Scholz & Bottoli, 2019).

Já Pedro reitera a importância de sua mãe em sua dinâmica afetiva nas relações familiares, refletindo reatividade emocional e instabilidade afetiva. Ele salienta que herdou dela seu padrão de temperamento explosivo e muitas vezes impensado. Porém, ao casar já na vida adulta, com maturidade, e ao tornar-se pai pôde estar no lugar que sua mãe ocupava, sendo capaz de entendê-la e encará-la com compaixão e empatia.

Então, (...)eu casei um pouco tarde, por exemplo, eu casei com trinta anos, conheci a minha esposa com 27, casei com 30. Então isso me deu uma vantagem,(...)de ter uma ideia mais amadurecida com relação ao meu passado, entendeu? Quando eu era jovem, a gente é jovem assim ... a gente não entende muitas coisas, e (...) ainda mais depois que eu virei pai, eu passei a entender melhor minha mãe, tipo o que que... o porquê ela foi assim, na nossa criação... (Pedro).

Ao criticar esse modelo parental proveniente da mãe, Pedro busca agir diferente, contendo suas emoções, evitando reações negativas e impensadas, zelando pelo bem-estar e qualidade das relações familiares.

Viver a experiência da paternidade evoca a própria experiência enquanto filho. À medida que o homem se coloca no lugar de ambos os pais, pode ocorrer a ressignificação das

figuras parentais, marcada por aprendizado, compreensão, identificação, gratidão, admiração e empatia (Márquez-Doren et al., 2021; Quadros Cherer et al., 2021).

Convém destacar, por sua vez, que há uma correção emocional entre mãe e filho, onde a criança pode apresentar agressividade ou problemas externalizantes. Assim, quanto maior o afeto negativo da criança, menor abertura ao mundo e envolvimento geral a mãe parece apresentar. Por sua vez, a criança pode apresentar níveis elevados de problemas externalizantes e induzir sofrimento psicológico e hostilidade na mãe (Agrafors et al., 2021; Carrasco et al., 2020; Ganon-Carrier et al., 2022; Gomes et al., 2022).

Uma vez que agressividade entre meninos é mais afetada pelos comportamentos maternos do que a agressividade em meninas, salienta-se que o traço de temperamento materno de prevenção de danos (preocupação, timidez, medo e fácil fadiga) gera problemas externalizantes em meninos (Agrafors et al., 2021; Carrasco et al., 2020).

Enquanto estratégia para inibir a agressividade infantil está a disciplina materna. Além disso, traços de caráter maternos como o autodirecionamento (se regular e se adaptar em cada situação) e a cooperatividade (interagir e se relacionar com outras pessoas) afetam negativamente problemas externalizantes e internalizantes em meninos e meninas (Agrafors et al., 2021; Carrasco et al., 2020).

Além da dinâmica afetiva herdada da mãe, Pedro também explicita um olhar com maior maturidade sobre a parentalidade e as relações familiares, evidenciada a experiência masculina na transição à vida adulta.

Na América Latina, há um aumento da idade média da transição à vida adulta para homens. Esse constante adiamento decorre de um aumento do período de escolaridade e, pela dificuldade de conciliar trabalho e estudos, foi afetada a entrada no mercado de trabalho. Pela pressão para o homem ser provedor, levou-o a escolher entrar no mercado de trabalho mais tarde e formar família depois de ter recursos financeiros para isso (Santos et al., 2021).

Enquanto adulto emergente, o homem pode começar a trabalhar como um jeito de explorar diferentes experiências laborais e receber algum recurso para comprar coisas independente de apoio financeiro concedido aos pais, explorando sua autonomia como um ensaio para o seu futuro como adulto (Dutra-Thome & Koller, 2019).

Na transição à vida adulta, o jovem assume novos papéis e responsabilidades para a obtenção de autonomia. Essa autonomia envolve viver sozinho, responder por si mesmo, aceitar as consequências de suas ações, ter seus próprios interesses e objetivos claros na vida, e tomar decisões com objetivos estabelecidos. Assim, o jovem tem em mente: completar a vida escolar; iniciar a vida laboral; buscar por um trabalho estável; possuir autonomia residencial e

emancipação da família de origem; formar um lar, casar-se e ter filhos (Fonseca Gutierrez, 2022).

Em seu estudo com jovens, de ambos os sexos, com idade média de 24 anos, sem filhos e solteiros, foi indicado que a Posição do Eu tem grande importância na determinação do nível geral da diferenciação de self de rapazes. Uma vez que a Posição do Eu envolve crenças estáveis sobre si e sobre o mundo, tendo a habilidade de mantê-las em face da pressão dos outros, esses rapazes apresentam claro senso de si e fazem decisões baseadas em suas próprias crenças e não se conformando aos outros (Józefczyk, 2023). Logo, homens na transição à vida adulta, quando bem diferenciados, tomam escolhas baseadas em suas próprias convicções, não se conformando aos ditames de outras pessoas.

Embora a diferenciação de self e a indiferenciação, associada às ligações emocionais indiferenciadas, possam vir da geração anterior para a geração atual, entende-se que o pai está em constante reinvenção de sua própria história parental e subjetiva. Ser um pai presente e melhor do que aquele que teve, exige rever e questionar sua própria experiência parental na atualidade. Assim, a partir dessa reflexividade, o pai critica o que já está dado e constrói novas formas de educar, ensinar e se fazer presente, quer estando atento à relação com o seu próprio pai, quer se voltando para diferentes modelos parentais da família de origem.

LIMITAÇÕES

Enquanto limitação do presente estudo há os critérios de inclusão para recrutamento dos participantes, como ter tido contato com o pai durante a infância e/ou adolescência, ter um filho biológico e estar em um relacionamento. Além disso, os participantes que consentiram em participar da entrevista eram apenas homens com ensino superior, e um era pardo e outro branco. Logo, outras experiências paternas não foram contempladas, como homens provenientes de famílias monoparentais femininas, pais adotivos e pais solteiros, divorciados e/ou recasados, além das vivências de pais negros e indígenas, por exemplo.

Por outro lado, há falhas na estratégia de recrutamento de participantes, no qual era apenas possibilitado participar presencialmente da entrevista no campus universitário. Em decorrência da desistência ou negação dos pais de ir ao campus, foi disponibilizado a oportunidade de ir até a casa do participante ou realizar a entrevista por videochamada, sendo essa última possibilidade aceita pelos pais da presente pesquisa. Isso mostra a necessidade de criar vínculo com a população-alvo, indo ao seu encontro, seja em maternidades e centros de saúde infantil, consolidando uma relação de confiança e troca entre pesquisador e participante.

Vale apontar que talvez o uso de videochamada possa ter afetado a qualidade das entrevistas, de sorte que entrevistas presenciais poderiam dar mais liberdade ao entrevistado e ao pesquisador.

Além disso, muitos homens apontaram a dificuldade em conciliar a parentalidade com a vida laboral, não dispondo de tempo para participar da entrevista. Questões de trabalho foram também motivos de desistência para outros participantes. Dessa maneira, se faz necessário ir ao encontro desses pais e observar de perto seu dia a dia e a relação com seu filho e esposa.

IMPLICAÇÕES CLÍNICAS

A clínica sistêmica de Bowen se propõe, a partir da diferenciação de self, equilibrar a individualidade e o pertencimento, bem como modular de modo adaptativo as respostas emocionais e cognitivas (Bowen, 1978; Kerr, 2019; Kerr & Bowen, 1988; Miller, 2022; Otto & Ribeiro, 2020). Tais premissas podem trazer benefícios à clínica das masculinidades e à clínica da parentalidade.

Os pressupostos de Bowen na clínica das masculinidades pode fomentar homens conscientes de sua autonomia e independência, mas que se mantenham íntimos e responsáveis nos seus relacionamentos. Eles podem expressar sua dependência e pertencimento zelando pelo bem-estar dos outros, os ofertando sensibilidade, compaixão e empatia, sem abrir mão de sua auto suficiência individual. Para além disso, podem expressar seus afetos com responsabilidade, sem possibilitar o contágio emocional ou seu distanciamento afetivo, regulando a sua ansiedade e prezando pelo bem-estar da relação e do grupo.

A clínica da parentalidade é favorecida pela princípios de Bowen na medida em que o pai pode cuidar das necessidades físicas, emocionais e sociais dos filhos, suscitando neles autodisciplina, autogerenciamento e autoafirmação, uma vez que ele concilia imposição de limites e regras com amor e compaixão. Uma vez que o pai apresenta autorregulação emocional, não agindo conforme a tensão ou por respostas emocionais impensadas, e oportuniza individualidade e pertencimento aos filhos, pode estimular uma parentalidade pautada no bem-estar psicológico, na saúde emocional e na responsabilidade social dos filhos.

IMPLICAÇÕES DE PESQUISA

Dado que a parentalidade paterna não envolve apenas o pai e o filho, se faz necessário observar de que modo acontece a relação entre a díade parental, de que forma compartilham e

regulam o estresse, como dividem sua autoridade parental, estabelecem acordos e divisão de tarefas nos cuidados parentais.

A relação do homem com seu pai também é digno de ser investigada, visando compreender quais são os comportamentos que são negados no exercício paterno e quais são repetidos e merecem ser revistos. Assim como de que maneira a figura paterna da família de origem e demais cuidadores da história de criação podem servir como modelos parentais, gerando uma paternidade afetuosa e participativa, que fornece amor e carinho, autonomia e autoafirmação à criança.

Compreende-se que a percepção infantil da parentalidade paterna pode divergir da perspectiva do homem-pai, uma vez que se reconhece a perspectiva subjetiva da criança e de sua forma particular de encarar o mundo, seu ambiente social e sua família. Dessa forma, é válido explorar esses significados particulares do pai e do filho, e como ambas as experiências podem mutuamente enriquecer a parentalidade paterna e o desenvolvimento infantil.

CONCLUSÃO

A posição do Eu paterna está associada ao grau de diferenciação de self do homem-pai, sendo expressa pelo equilíbrio entre individualidade e pertencimento nas relações e integração entre emoções e pensamentos. A felicidade e autorresponsabilidade masculina na parentalidade não se pauta apenas em um homem que zela pela sua individualidade e por suas próprias convicções. Pelo contrário, o pai sente-se feliz e autorresponsável na medida em que vê o seu filho crescer e amadurecer, aprecia a família unida e escolhe amadurecer e se dedicar a sua relação com a criança e sua esposa. Ainda que passe por momentos de estresse, tensão ou ansiedade, o homem sabe lidar com suas próprias emoções, assim como respeita e legitima as reações emocionais do filho.

A fusão emocional é associada à indiferenciação na esfera parental, que pode gerar na dinâmica familiar uma parentalidade coercitiva e autoritária, causando emoções negativas na criança e culpa e descontrole emocional nos pais. Observou-se, a despeito disso, que o pai reconhece a importância do aprendizado infantil, da monitoria positiva, do compartilhamento do controle e gerenciamento do estresse pela díade parental, e do controle afetivo masculino prezando pelo bem-estar familiar.

As ligações emocionais indiferenciadas podem ser associadas a modelos e padrões comportamentais de indiferenciação vividos pela criança em sua família de origem, e que, quando ela se torna adulta, se repetem na relação com esposa e filhos, como uma transmissão

de uma geração a outra. Observa-se essa repetição geracional no uso de punição física e de parentalidade coercitiva, e na desregulação emocional, embora tais práticas sejam questionadas e criticadas pelos pais. Por outro lado, pôde ser vista a ausência de ligações emocionais indiferenciadas ao lidar com a ausência e distanciamento paternos, na medida em que o homem, revendo e criticando sua história de criação, busca desempenhar uma paternidade presente, cuidadosa e responsável. Além disso, a parentalidade paterna se baseou não apenas na figura paterna, mas também em outros cuidadores da história familiar -mãe, padrasto, avó-, servindo estes como modelos parentais que legitimam a autonomia e o pertencimento entre pais e filhos.

REFERÊNCIAS

- Agnafors, S., Bladh, M., Ekselius, L., Svedin, C. G., & Sydsjö, G. (2021). Maternal temperament and character: associations to child behavior at the age of 3 years. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 15(1), 23. <https://doi.org/10.1186/s13034-021-00375-5>.
- Arrais, A. L., & Vieira-Santos, S. (2021). Envolvimento paterno em pais de crianças em idade escolar: Relação com estresse parental, apoio social e variáveis sociodemográficas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37, e37313. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e37313>.
- Azevedo, R. N., & Bazon, M. R. (2021a). Pais/cuidadores com e sem histórico de abuso: punições corporais e características psicológicas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41, 1-16. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003207756>.
- Azevedo, R. N., & Bazon, M. R. (2021b). Severity levels of physical punishment of children/adolescents: cluster analysis. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 38, 1-11. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202138e190088>.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *The journal of early adolescence*, 11(1), 56-95. <https://doi.org/10.1177/02724316911111004>.
- Berhane, H. Y., Tewahido, D., Tarekegn, W., & Trenholm, J. (2023). Fathers' experiences of childcare and feeding: A photo-elicitation study in a low resource setting in urban Addis Ababa, Ethiopia. *PLoS One*, 18(7), e0288487. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0288487>.
- Biasutti, C. M., Nascimento, C. R. R., & Canal, C. P. P. (2021). Atividades Parentais na Família Monoparental Constituída pela Adoção. *Estudos e Pesquisas Em Psicologia*, 21(1), 236–259. <https://doi.org/10.12957/epp.2021.59384>.

- Braun, V., & Clarke, V. (2023). Thematic analysis. In H. Cooper, M. N. Coutanche, L. M. McMullen, A. T. Panter, D. Rindskopf, and K. J. Sher (Eds.). *APA handbook of research methods in psychology: Research designs: Quantitative, qualitative, neuropsychological, and biological* (2nd ed., vol. 2, pp. 57–71). American Psychological Association.
- Bowen, M. (1978). *Family therapy in clinical practice*. Jason Aronson.
- Cabrera, N.J., Fitzgerald H.E., Bradley R.H., & Roggman L.(2014). The ecology of father-child relationships: An expanded model. *Journal of Family Theory & Review*, 6(4), 336–354. <https://doi.org/10.1111/jftr.12054>.
- Campana, N. T. C., dos Santos, C. V. M., & Gomes, I. C. (2019). De quem é a preocupação primária?: A teoria winnicottiana e o cuidado parental na contemporaneidade. *Psicologia Clínica*, 31(1), 32–53. <https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0031n01A02>.
- Campeol, Â. R., Oliveira, J. L. A. P., & Crepaldi, M. A. (2021). Famílias no pós-divórcio: envolvimento paterno e guarda dos (as) filhos (as) na perspectiva de pais e mães divorciados. *Psicologia Argumento*, 39(107), 1220-1244. <https://doi.org/10.7213/psicolargum39.107.AO11>.
- Cardoso, A. R., & Brito, L. M. T. D. (2014). Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse?. *Psico-USF*, 19(3), 433-441. <https://doi.org/10.1590/1413-82712014019003006>.
- Carrasco, M. A., Delgado, B., & Holgado-Tello, F. P. (2020). Children's temperament: a bridge between mothers' parenting and aggression. *International journal of environmental research and public health*, 17, 6382. <https://doi.org/10.3390/ijerph17176382>.
- Castro, L. G. (2022). Infância e autoridade em relações intergeracionais: narrativas de avós sobre a educação das crianças. *Cadernos Do PET Filosofia*, 26(51), 172-201. <https://doi.org/10.26694/rles.v26i51.2962>.
- Dalla Porta, D., Wottrich, S. H., & Siqueira, A. C. (2021). Intergeracionalidade no Contexto das Práticas Educativas de Mães de Crianças Pré-Escolares. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41,1-16. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003205488>.
- Da Mata, J. J., & Scorsolini-Comin, F. (2022). Conjugalidade e parentalidade adotiva em casais de gays e lésbicas: costuras a partir da transmissão psíquica. *Avances En Psicología Latinoamericana*, 40(2), 1-16. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.7897>.
- d'Orsi, D., Veríssimo, M., & Diniz, E. (2023). Father involvement and maternal stress: the mediating role of coparenting. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20(8), 5457. <https://doi.org/10.3390/ijerph20085457>.

- Dutra-Thomé, L., & Koller, S. H. (2019). Emerging adulthood features in Brazilians from differing socioeconomic status. *Acta de investigación psicológica*, 9(3), 56-66. <https://doi.org/10.22201/fpsi.20074719e.2019.3.322>.
- Escámez-Sánchez, J., & Gil-Martínez, R. (2023). *El principio ético del cuidado*. La tapia.
- Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of Coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3(2), 95-131. https://doi.org/10.1207/S15327922PAR0302_01.
- Fernandes, M. B., & Santos, D. K. dos. (2019). Sentidos atribuídos por pais adotivos acerca da adoção tardia e da construção de vínculos parento-filiais. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(63), 67–88. <https://doi.org/10.21452/2594-43632019v28n63a04>.
- Flick, U. (2010). Entrevista episódica. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.) *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (8a ed., pp. 114-136). Vozes.
- Fonseca Gutiérrez, V. (2022). Comprensiones alrededor del concepto de tránsito a la vida adulta y su relación con la autonomía desde el paradigma sistémico. *Diversitas: Perspectivas en Psicología*, 18(1), 70-87. <https://doi.org/10.15332/22563067.7876>
- Garcia-Portuguez, V. A., Serrano, M. M., & Torres, C. U. (2020). Padre comprometido con la crianza temprana desde el primer contacto padre-hijo/a vivido en el nacimiento. *Aquichan*, 20(3), 7. <https://doi.org/10.5294/aqui.2020.20.3.7>.
- Garon-Carrier, G., Pascuzzo, K., Gaudreau, W., Lemelin, J. P., & Déry, M. (2022). Maternal functioning and child's externalizing problems: Temperament and sex-based driven effects. *Frontiers in Psychology*, 13, 874733. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.874733>.
- Ghaleiha, A., Barber, C., Tamatea, A. J., & Bird, A. (2022). Fathers' help seeking behavior and attitudes during their transition to parenthood. *Infant Mental Health Journal*, 43(5), 756-768. <https://doi.org/10.1002/imhj.22008>.
- Gilligan, C. (2013). *La ética del cuidado* (Vol. 30). Fundació Víctor Grífols i Lucas.
- Gilligan, C. (2020). Disrupting the story: enter Eve. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 68(4), 675-693. <https://doi.org/10.1177/0003065120950434>.
- Gomes, L. B., Schmidt, B., Bossardi, C. N., Bolze, S. D. A., Bigras, M., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (2022). Temperamento infantil e envolvimento parental: um estudo com famílias de crianças de 4 a 6 anos. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 15(1), 1-24. <http://dx.doi.org/10.36298/gerais202215e17495>.

- Gualberto, A. T. e S., & Andrade, C. C. (2021). Tornar-se Pais: Uma Compreensão Gestáltica das Diferentes Parentalidades Contemporâneas. *Revista Da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 27(3), 267–277. <https://doi.org/10.18065/2021v27n3.2>
- Harris, H. A., Jansen, E., & Rossi, T. (2020). ‘It's not worth the fight’: Fathers' perceptions of family mealtime interactions, feeding practices and child eating behaviours. *Appetite*, 150, 104642. <https://doi.org/10.1016/j.appet.2020.104642>.
- Hoghughi, M. (2004). Parenting: An introduction. In M. Hoghughi, & N. Long (Eds.), *Handbook of parenting: Theory and research for practice* (pp. 7-18). SAGE.
- Józefczyk, A. (2023). Multigenerational transmission of differentiation of self—Toward a more in-depth understanding of Bowen's theory concept. *Journal of Marital and Family Therapy*, 49(3), 634-653. <https://doi.org/10.1111/jmft.12645>.
- Kerr, M. E. & Bowen, M. (1988). *Family evaluation*. W. W. Norton & Company.
- Kerr, M. E. (2019). *Bowen theory's secrets: Revealing the hidden life of families*. W. W. Norton & Company.
- Lee, Y. E. (2024). Childcare sharing and family happiness: analyzing parental and child well-being in the actor-partner interdependence model. *Frontiers in Public Health*, 12, 1361998. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2024.1361998>.
- Le Moal, F. (2024). Mealtime emotion work: Gendered politics of care and power at the table. *Journal of Marriage and Family*, 1–29. <https://doi.org/10.1111/jomf.12975>.
- Lewington, L., Lee, J., & Sebar, B. (2021). “I’m not just a babysitter”: Masculinity and men’s experiences of first-time fatherhood. *Men and Masculinities*, 24(4), 571-589. <https://doi.org/10.1177/1097184X21993884>.
- Lima, J. K. de S., de Souza Carvalho, M. O., de Oliveira, J. F., Campos, F. V. A., & de Paiva, L. O. L. (2021). Uso de historietas para compreender las percepciones y los sentimientos de los menores hospitalizados por maltrato físico. *Revista Cuidarte*, v. 12(1), p. 1-13. <https://doi.org/10.15649/cuidarte.1204>.
- Lucassen, N., de Haan, A. D., Helmerhorst, K. O., & Keizer, R. (2021). Interrelated changes in parental stress, parenting, and coparenting across the onset of the COVID-19 pandemic. *Journal of Family Psychology*, 35(8), 1065. <https://doi.org/10.1037/fam0000908>.
- Marinho, T. A., & Ecco, C. (2020). Religião, identidade e saúde integrativa: as representações da masculinidade. *Habitus*, 18(1), 275-293. <https://doi.org/10.18224/hab.v18i1.7775>.

- Márquez-Doren, F., Lucchini-Raies, C., & Bertolozzi, M. R. (2021). Meaning and social participation of man when become a father for the first time. *Andes Pediátrica: Revista Chilena de Pediatría*, 92(1), 50-58. <https://doi.org/10.32641/andespediatr.v92i1.1757>.
- Matos, M. G., & Magalhães, A. S. (2019). Ser pai na contemporaneidade: demandas contraditórias. *Psicologia Revista*, 28(1), 151–173. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2019v28i1p151-173>.
- Mendes, D. M. L. F., Sant’Anna, J. L., & Ramos, D. de O. (2019). Metas Parentais de Socialização sobre Emoções: Um Estudo Exploratório. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(3), 686–703. <https://doi.org/10.12957/epp.2019.46910>.
- Miller, E. A. (2022). The Attachment Versus Differentiation Debate: Bringing the Conversation to Parent–Child Relationships. *Family Process*, 00, e12802. <https://doi.org/10.1111/famp.12802>.
- Mozas-Alonso, M., Oliver, J., & Berástegui, A. (2022). Differentiation of self and its relationship with marital satisfaction and parenting styles in a Spanish sample of adolescents’ parents. *Plos one*, 17(3), e0265436. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0265436>.
- Murdock N. L., Flynn, M. C., & Bresin, R. C. (2022). Differentiation of self, anxiety, triangling and distress: A test of Bowen theory. *Family Process*, 00, 1–16. <https://doi.org/10.1111/famp.12845>.
- Nolasco, S.A.(1993). *O mito da masculinidade*. Rocco.
- Oliveira, J. L. A. P., Campeol, Â. R., & Crepaldi, M. A. (2022). Coparentalidade e paternidade após o divórcio: experiências de pais e mães separados (as). *Revista Pensando Famílias*, 26(1). <https://pensandofamilias.domusterapia.com.br/index.php/files/article/view/10>.
- Oliveira, J. L. A. P., & Crepaldi, M. A. (2021). O envolvimento paterno no contexto do divórcio na perspectiva do pai separado. *Revista da SPAGESP*, 22(1), 54-66. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v22n1/v22n1a05.pdf>.
- Otto, A. F. N., & Ribeiro, M. A. (2020). Contribuições de Murray Bowen à terapia familiar sistêmica. *Pensando famílias*, 24(1), 79-95. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100007&lng=pt&tlng=pt.
- Otto, A. F. N., & Ribeiro, M. A. (2021). Fundamentos epistemológicos da teoria de Murray Bowen. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 30(70), 51-63. <https://doi.org/10.38034/nps.v30i70.614>

- Papero, D. V. (1998). A Teoria sobre os Sistemas Familiares de Bowen. In M. Elkaim (Org.). *Panorama das terapias familiares* (vol.1, pp. 71- 100). Summus.
- Papero, D. V. (2021). Murray Bowen's contribution to the study of complex human systems. *Family Systems: A Journal of Natural Systems Thinking in Psychiatry & the Sciences*, 16(1), 43-67. https://www.researchgate.net/publication/358675507_MURRAY_BOWEN'S_CONTRIBUTION_TO_THE_STUDY_OF_COMPLEX_HUMAN_SYSTEMS.
- Pereira, T. G., & Reis, A. O. A. (2022). O bebê com zika e o pai (d)eficiente. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 32(2), 1-20. <https://doi.org/10.1590/s0103-73312022320208>.
- Pettay, J. E., Danielsbacka, M., Helle, S., Perry, G., Daly, M., & Tanskanen, A. O. (2023). Parental Investment by Birth Fathers and Stepfathers: Roles of Mating Effort and Childhood Co-residence Duration. *Human Nature*, 34(2), 276-294. <https://doi.org/10.1007/s12110-023-09450-6>.
- Quadros Cherer, E. D., Ferrari, A. G., & Piccinini, C. A. (2021). Os processos identificatórios na constituição da paternidade. *Revista Psicologia Clínica*, 33(1). <https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0033n01A02>.
- Rakow, C. M. (2022). The back story on developing the concept of differentiation, as seen in the Murray Bowen archives. *Family Systems: A Journal of Natural Systems Thinking in Psychiatry & the Sciences*, 16(2). https://www.researchgate.net/profile/Catherine-Rakow/publication/376513532_THE_BACK_STORY_ON_DEVELOPING_THE_CONCEPT_OF_DIFFERENTIATION_AS_SEEN_IN_THE_MURRAY_BOWEN_ARCHIVES/links/657b0bddcbd2c535ea28ef67/THE-BACK-STORY-ON-DEVELOPING-THE-CONCEPT-OF-DIFFERENTIATION-AS-SEEN-IN-THE-MURRAY-BOWEN-ARCHIVES.pdf
- Santos, E. (2019). *Educação não violenta: como estimular autoestima, autonomia, autodisciplina, resiliência em você e nas crianças*. Paz e Terra.
- Santos, M. M. D., Queiroz, B. L., & Verona, A. P. D. A. (2021). Transition to adulthood in Latin America: 1960s-2010s. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 38, e0161. <http://dx.doi.org/10.20947/S0102-3098a0161>.
- Santos, R. M. dos (2021). O debate sobre a “Lei da Palmada” na Câmara dos Deputados. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 36, 1-34. <https://doi.org/10.1590/0103-3352.2021.36.247860>.
- Scholz, A. L. T., & Bottoli, C. (2019). Filiação no contexto do recasamento. *Pensando famílias*, 23(1), 167-182. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v23n1/v23n1a13.pdf>.

- Simões, M. D. M., & Santos, M. A. D. (2023). Paternidade e configurações vinculares nos transtornos alimentares à luz da psicanálise vincular. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 26, e220946. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.e.220946>
- Solberg, B., Glavin, K., Berg, R. C., & Olsvold, N. (2023). “Opening up a well of emotions”: A qualitative study of men's emotional experiences in the transition to fatherhood. *Nursing Open*, 10(4), 2282-2294. <https://doi.org/10.1002/nop2.1482>.
- Souza, F. M. de, Fiorini, M. C., & Crepaldi, M. A. (2020). Relações entre Coparentalidade, Envolvimento Parental e Práticas Parentais de Pais e Mães de Famílias Binucleares. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(2), 519–539. <https://doi.org/10.12957/epp.2020.52584>
- Tachibana, M., & Rezende, G. G. D. (2020). Como é ser pai numa família monoparental masculina?. *Pensando famílias*, 24(2), 90-105. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000200008&lng=pt&tlng=pt.
- Táíwò, O. O. (2020). Stoicism (as emotional compression) is emotional labor. *Feminist Philosophy Quarterly*, 6(2), 1-25. <https://doi.org/10.5206/fpq/2020.2.8217>.
- Trage, F. T., & Donelli, T. M. S. (2020). Quem é o novo pai? Concepções sobre o exercício da paternidade na família contemporânea. *Barbarói*, (57), 141-164. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i57.14263>.

CONCLUSÃO GERAL

A presente dissertação objetivou identificar e sintetizar as evidências dos estudos brasileiros acerca da parentalidade paterna, bem como investigar de que forma a diferenciação de self influencia a parentalidade de homens primíparos.

As pesquisas brasileiras sobre parentalidade paterna evidenciaram um pai que revê sua própria história enquanto filho, que apesar de ter tido um pai distante ou ausente, busca exercer uma paternidade ativa e participativa. Para além da provisão, ele pode dialogar e impor limites, ser um modelo, estimular a autonomia infantil, e transmitir valores e condutas sociais. Esse mesmo pai carece ser reconhecido em seu papel parental, seja pela mãe, seja pela sociedade, seja ao questionar padrões culturais e de gênero. Essa rede de papéis e normas trouxeram à tona que o homem não pode apenas desejar e se engajar para ter uma parentalidade de qualidade. Pelo contrário, todos esses contextos ecológicos reafirmam a necessidade de o pai ser visto e legitimado no seu papel de cuidador e de figura de autoridade.

A TSB foi crucial para entender essa troca afetiva e o compromisso mútuo entre pai e filho. Porém, a presente dissertação enxergou o pai para além de si mesmo e da família nuclear: o homem é afetado pelo reconhecimento materno de seu exercício parental, as normas sociais podem dizer que educar uma criança é uma atribuição feminina e que a rede de apoio familiar pode não reconhecer a importância masculina na família. Ou quem sabe, homens e mulheres podem educar juntos, se apoiarem e reconhecerem na parentalidade, bem como a rede de apoio familiar pode legitimar a importância do pai à criança e à família.

Com isso, a revisão de escopo do Estudo I alcançou seu objetivo ao apontar que, para além da provisão financeira, o pai pode se fazer presente na parentalidade, ser valorizado em seu papel e ir além de normas culturais e de gênero, sendo um pai participativo e afetuoso, transpondo os padrões de sobrecarga e isolamento maternos. Dessa forma, percebe-se que cuidar não é uma atribuição feminina e sim humana. Pais podem cuidar, viver seus afetos positivos e negativos, se conectar com os filhos e viverem a vulnerabilidade de se doar e crescer mutuamente no dia a dia com a criança.

Todavia, o que se sabe sobre a paternidade amazônica? Foram realizadas duas buscas sobre a paternidade na Amazônia, uma em bancos de dados nacionais (*Scielo, Pepsic, Lilacs*) e outras em repositórios de universidades públicas da Região Norte do Brasil. Em ambas as ocasiões não foi possível mapear o que se investiga sobre paternidade na Amazônia, pois há poucas pesquisas que apresentam pais como participantes e que não ressaltam a perspectiva masculina na parentalidade. As perspectivas paternas se encontraram mescladas aos achados

de mães e profissionais. Isso ressalta o pioneirismo da presente dissertação, uma vez que as Universidades da Região Norte carecem se debruçar sobre a experiência paterna, indo além das pesquisas desenvolvidas nas regiões Sul e Sudeste.

Já o Estudo II, uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, alcançou seu objetivo de investigar de que forma a diferenciação de self influencia a parentalidade de homens primíparos.

A diferenciação de self e a Teoria Sistêmica de Bowen foram um percurso metodológico em que homens que são pais pela primeira vez encontram felicidade ao ver o filho crescer, ao estar com a família e ao saber lidar com o próprio estresse e o da criança.

Por outro lado, a TSB se mostrou valiosa ao realçar a parentalidade possível: pais conseguem ser dialógicos e democráticos, bem como coercitivos e autoritários. Esse percurso de descobrir e viver a parentalidade também demonstra o jogo entre diferenciação e indiferenciação, isto é, quanto mais consciente de suas emoções, mais o homem exerce uma parentalidade autoritativa e menos uma parentalidade autoritária; quais mais ciente de sua autonomia, mais respeita e lida com a autonomia dos membros da família. Logo, a TSB pôde ser a lente de enxergar a dança entre estar consciente de si mesmo e agir de forma impensada e automática.

Além disso, esses comportamentos automáticos e reativos apresentaram caráter intergeracional. Muito do que se exercia na parentalidade era proveniente da geração anterior. Estar consciente de sua história de criação e de sua repercussão na parentalidade atual, fez com que os homens desejassem ser pais presentes, cuidadores e afetuosos, apesar de ter tido pais ausentes e distantes; possibilitou que questionassem as práticas parentais da família de origem, à medida que se almeja acompanhar e dialogar ao invés de punir; e gerou respeito e altruísmo ao lidar com as suas reações emocionais negativas, prezando pelo bem-estar e qualidade das relações familiares.

Com isso, a pesquisa de campo deu voz e vez aos homens primíparos, escutando suas inquietações e inseguranças, acolhendo suas memórias e valores positivos, e estando atento a busca por viver uma parentalidade positiva, afetuosa e democrática, apesar de ter tido ausências e dificuldades em sua história de criação.

Convém destacar que a subjetividade do pesquisador se mostrou presente e pertinente ao longo dos dois estudos que compõem esta dissertação. A sua facilidade de enxergar manifestações afetivas, consolidação de vínculos e Papéis de Gênero positivos, bem como a habilidade de transitar entre diferentes modelos teóricos, fez com que a experiência paterna fosse acolhida, legitimada e reconhecida, ressaltando seu caráter humano, inacabado e

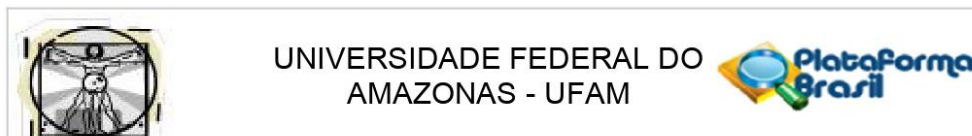
ambíguo. Ser pai pôde ser visto como uma caminhada repleta de incertezas que são impactadas por esforços, méritos e atitudes que podem legitimar o lugar do homem na família.

Os achados que ambos os estudos podem ser valiosos para pesquisas sobre paternidade e masculinidade, na medida em que podem elucidar os contornos em que o homem sente, cuida, dá valor às pessoas em sua vida e se reconhece em sua própria história. Tais achados podem ser úteis tanto no contexto clínico quanto no meio jurídico, onde podem ser observados como um homem se engaja e é reconhecido na parentalidade, de que maneira divide a parentalidade com a mãe, de que forma ele lida com o estresse na família, como vivencia erros e acertos na construção constante da experiência parental, e de que modo reavalia sua própria história e busca ser um pai presente e participativo.

Futuras pesquisas podem se debruçar em como os homens escolhem performar suas emoções em situações de cuidado e troca afetiva; quais as estratégias psicoemocionais positivas e negativas os pais utilizam no contexto da transição à parentalidade; como mães e pais podem ser corresponsáveis pela criança, possibilitando ao filho cuidado, atenção e crescimento mútuo; e quais as estratégias de regulação emocional foram aprendidas na família de origem e que repercutem na atualidade.

ANEXOS

Anexo 1. Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa- UFAM.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Ser e sentir-se pai pela primeira vez: fronteiras emocionais paternas na perspectiva de homens primíparos

Pesquisador: VITOR CESAR BENTES DA COSTA FERREIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 75440923.4.0000.5020

Instituição Proponente: Universidade Federal do Amazonas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.594.008

Apresentação do Projeto:

Resumo:

As constantes mudanças sociais têm demandado investigações sobre a dinâmica familiar para além da díade mãe-filho. A paternidade surge, então, como um objeto de pesquisa emergente e necessário, de modo que o vínculo pai-filho tenha sua dinâmica afetiva, seus modos de relação e suas heranças geracionais encaradas e reconhecidas. Assim, a presente pesquisa, partindo do referencial da Teoria Sistêmica de Bowen, objetiva investigar de que forma a diferenciação de self influencia a parentalidade de homens primíparos. Para tanto, busca examinar de que modo a Posição do Eu possibilita o bem-estar afetivo na parentalidade masculina; identificar como a Fusão emocional possibilita um parentalidade negativa no exercício paterno; e distinguir de que maneira as ligações emocionais não resolvidas trazidas da figura paterna da família de origem repercutem na paternidade no presente. Dessa forma, elegeu-se o delineamento qualitativo, transversal, exploratório e descritivo. Logo, por meio de um formulário autoaplicável na Ferramenta do Google Forms, três pais serão recrutados e participarão de uma entrevista narrativa e semiestruturada, a chamada entrevista episódica, onde se elencará perguntas sobre paternidade e diferenciação de self. Vale destacar que os dados levantados serão analisados conforme a Análise Temática de Braun e Clarke (2023). Espera-se que os achados da presente pesquisa venham contribuir para intervenções voltadas para pais e para a saúde mental masculina, bem como apontar especificidades das dinâmicas familiares local e amazônica.

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

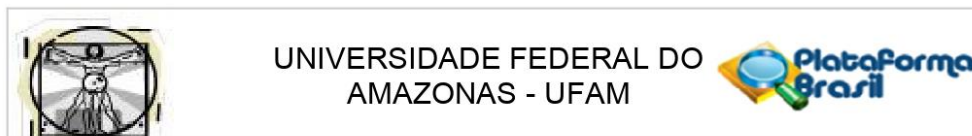
CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.594.008

Introdução:

A Teoria Sistêmica de Bowen (TSB) foi um dos destaques teórico, técnico e metodológico da Abordagem Sistêmica da Terapia Familiar. Bowen aprofundou a compreensão do sintoma no sistema familiar, defendeu a compreensão do funcionamento emocional do homem para além de sua dinâmica individual e reconheceu a importância dos relacionamentos humanos em seu contexto de vida (Bowen, 1993; Nichols & Schwartz, 2007; Otto & Ribeiro, 2020; 2021). Um conceito central da TSB é a diferenciação de self. A diferenciação de self envolve tanto a integração entre sentimentos e pensamentos, quanto a dinâmica adaptativa entre individualidade e pertencimento. Pensamentos e sentimentos, provindos dos sistemas cognitivo e emocional, podem, por meio da diferenciação de self, “trabalhar como uma equipe”: o indivíduo pode se autorregular a ponto de agir conforme os sentimentos, ou segundo os pensamentos, a depender da circunstância e de sua avaliação da circunstância. Individualidade e pertencimento, através da diferenciação de self, são modulados adaptativamente pelo indivíduo, que, regido por ambas as forças, consegue estar presente, íntimo e responsável nos relacionamentos, sem renunciar a sua independência (Bowen, 1993; Kerr, 2019; Miller, 2022; Otto & Ribeiro, 2020; Skowron & Freidlander, 1998). Recentemente, é percebido que mudanças sociais têm enfatizado a importância do papel dos pais em contribuir com todos os aspectos da parentalidade, criando uma justaposição muitas vezes “desajeitada” entre visões tradicionais de masculinidade com os papéis de cuidado e nutrição tipicamente associados à maternidade (Robbins et al., 2019). Sem dúvida, mudanças nos padrões de masculinidade têm sido expressas por novas formas de paternidade, uma vez que o homem compreende melhor a si próprio e a vida, sobretudo ao reconhecer as manifestações subjetivas do filho (Nolasco, 1993). A paternidade ativa e participativa, que questiona a paternidade tradicional, pode ser pensada sob a ótica da diferenciação de self, visto que há uma autorregulação das emoções, podendo-se agir conforme o afeto ou a razão. Da mesma forma, o pai pode permanecer presente e íntimo na família, sendo responsável pelos seus relacionamentos

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

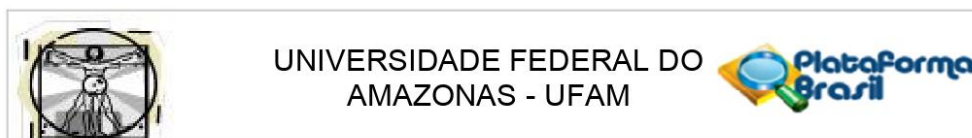
CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.594.008

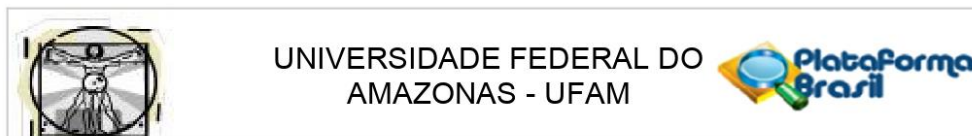
familiares sem abnegar a sua independência em relação a eles (Bowen, 1993; Kerr, 2019; Miller, 2022; Mozas-Alonso et al., 2022; Otto & Ribeiro, 2020; Skowron & Freidlander, 1998). Neste sentido, convém destacar o contexto da transição à parentalidade, que se refere ao período que se inicia na gravidez, perdurando até o primeiro ano do nascimento do filho. Nessa transição, homens e mulheres descritos como primíparos passam por mudanças a nível individual, conjugal e parental (Oliveira et al., 2023; Young, 2020). Enfatizando a transição à parentalidade na experiência paterna, há a chamada transição à paternidade. Durante a transição à paternidade podem ser vividas emoções negativas, como raiva e irritabilidade, e emoções positivas, como alegria e felicidade (Baldwin et al., 2021; Baldwin et al., 2019; Silva et al., 2021). O tornar-se pai, logo, traz aos homens a necessidade de refletir sobre seus próprios sentimentos, obter um senso de realização, encarar algo novo todo dia e, a despeito das inúmeras dificuldades encaradas, o amor por sua família faz com que os pais se sintam felizes em seu papel (Baldwin et al., 2021; Ghaleiha et al., 2021; Marquez-Dores et al., 2021; Menezes et al., 2019). Dessa maneira, o pai se prontifica a ter uma conexão integral com seu filho e se compromete com a parentalidade, na medida em que se dispõe a reconhecer as necessidades básicas do seu filho, proporcionando segurança, tranquilidade e proteção. De sorte que deseja ver o filho crescer, sentir orgulho de sua condição paterna, não expressando medo, e sim confiança ao educar. De fato, não vê a parentalidade como uma obrigação, mas sim como fonte de satisfação, diversão e felicidade (Garcia-Portuguez et al., 2020).

Hipótese: não existe.

Metodologia Proposta:

A amostra será composta por 3 homens cis-heteronormativos da cidade de Manaus. Os instrumentos de coleta de dados são questionário sociodemográfico e entrevista episódica. Questionário Sociodemográfico: Este instrumento investiga características sociodemográficas, tais como idade, raça, escolaridade, empregabilidade e informações sobre a paternidade; Entrevista episódica: A metodologia qualitativa da entrevista episódica, segundo Flick (2010), busca trazer

Endereço: Rua Teresina, 4950
Bairro: Adrianópolis **CEP:** 69.057-070
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3305-1181 **E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.594.008

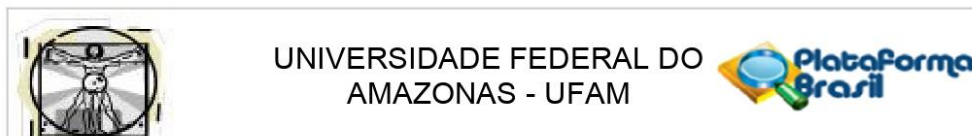
experiências subjetivas sobre um determinado fenômeno, partindo dos pressupostos da psicologia narrativa, assim como daquelas experiências advindas de situações concretas e específicas, e abstratas e generalizadas, conforme os conceitos de memórias episódica e semântica. A mesma segue nove fases: preparação para a entrevista; introduzindo a lógica da entrevista; a concepção do entrevistado sobre o tema e sua biografia com relação a ele; o sentido que o assunto tem para vida cotidiana do entrevistado; enfocando as partes centrais do tema em estudo; tópicos gerais mais relevantes; avaliação e conversa informal; documentação; e análise da entrevista episódica. Vale ressaltar que a entrevista propriamente dita vai da segunda à sétima fase.

Para obtenção do consentimento do participante, foi encaminhado o termo de consentimento livre e esclarecido. Presente na primeira versão, o documento apresentou explicitamente o direito de requerer indenização: "caso se sinta prejudicado, pode requerer indenização da UFAM" (p. 2). Apesar da informação estar explícita, o Parecer Consubstanciado do CEP exigiu que o pesquisador "Deverá mencionar que estão assegurados o direito a pedir indenizações e cobertura material para reparação a dano, causado pela pesquisa ao participante da pesquisa."[sic] (Resolução CNS nº 466 de 2012, IV.3.h, IV.4.c e V.7)". Na mesma linha de exigências de informações já presentes no Termo, o mencionado parecer também exigiu que "Deverá estar expresso de modo claro e afirmativo o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário (Itens II.3.1 e II.3.2, da Resolução CNS nº. 466 de 2012)". Ocorre que tal informação também estava presente, *ipsis litteris*, no Termo encaminhado em primeira versão do protocolo: "o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo, pelo tempo que for necessário"(p. 2). As exigências de informações já presentes na documentação protocolada através de textos padronizados e repetitivos (repetindo-se inclusive erros de concordância nominal, os quais aparecem em trechos iguais e mais de uma vez no parecer) sugerem a não verificação dos elementos encaminhados pelo pesquisador e a utilização da medíocre e corriqueira técnica de produção de textos referida como control c, control v.

Critério de Inclusão:

Ter entre 18 e 58 anos, ser pai pela primeira vez, ter tido contato com seu pai durante a infância e/ou adolescência, ter um(a) filho(a) biológico(a) de até 18 meses de idade, possuir a escolaridade igual ou superior ao ensino médio e estar casado ou em união estável.

Endereço: Rua Teresina, 4950
Bairro: Adrianópolis **CEP:** 69.057-070
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3305-1181 **E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.594.008

Critério de Exclusão:

Ser divorciado ou recasado, ser pai solteiro, não possuir vínculo empregatício e/ou fonte de renda, possuir alguma dificuldade psicológica ou cognitiva que impeça a efetiva participação na coleta de dados.

Metodologia de Análise de Dados:

Os dados qualitativos serão submetidos à Análise Temática (Braun & Clarke 2022; 2023).

Tamanho da Amostra no Brasil: 3 participantes

Cronograma

Exame de qualificação 30/10/2023 - 30/10/2023

Levantamento e transcrição dos dados 01/12/2023 - 29/02/2024

Supervisões do projeto 30/10/2023 - 30/11/2023

Redação da Dissertação 01/03/2024 - 30/04/2024

Análise dos dados 01/03/2024 - 30/04/2024

Coleta de Dados 01/12/2023 - 29/02/2024

Defesa da Dissertação 03/06/2024 - 28/06/2024

Entrega da Dissertação 01/05/2024 - 31/05/2024

Submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa 30/10/2023 - 30/11/2023

Revisão de literatura 30/10/2023 - 28/06/2024

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar de que forma a diferenciação de self influencia a parentalidade de homens primíparos.

Objetivo Secundário:

Examinar de que modo a Posição do Eu possibilita o bem-estar afetivo na parentalidade

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

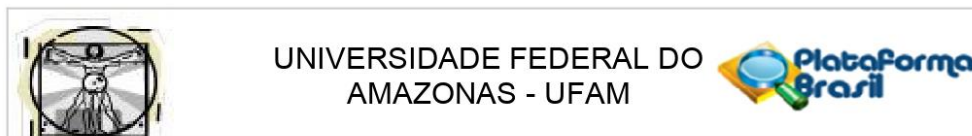
CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.594.008

masculina;

Identificar como a Fusão emocional possibilita um parentalidade negativa no exercício paterno;

Distinguir de que maneira as ligações emocionais não resolvidas trazidas da figura paterna da família de origem repercutem na paternidade no presente.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Sentir-se constrangido e/ou desconfortável em responder determinadas perguntas, ao recordar lembranças passadas ou ao rever atitudes como pai no presente.

Benefícios:

Processo de autorreflexão acerca dos seus padrões de relacionamento como pai, bem como a possibilidade de desenvolvimento de formas de relacionamento mais saudáveis em relação ao desempenho da paternidade, sua importância afetiva e como determinados comportamentos paternos podem ser revistos ou valorizados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de protocolo de 2ª versão do projeto "Ser e sentir-se pai pela primeira vez: fronteiras emocionais paternas na perspectiva de homens primíparos" do Pesquisador VITOR CESAR BENTES DA COSTA FERREIRA, Projeto de dissertação apresentado para obtenção do título de Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

O protocolo trata de projeto que deve atender às Resoluções 466/2012-CNS e 510/2016 CNS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

FOLHA DE ROSTO: ADEQUADA . Apresentada no arquivo FOLHADEROSTO.pdf, com a assinatura do pesquisador e do Coordenador do PPGPSI/UFAM como instituição proponente.

TERMO DE ANUÊNCIA CSPA: ADEQUADO . Apresentado no arquivo AnuenciaVitor.pdf, a anuência assinada por Sérgio Sócrates, Coordenador do CSPA.

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS: ADEQUADOS. Apresentados como anexos nos arquivos

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

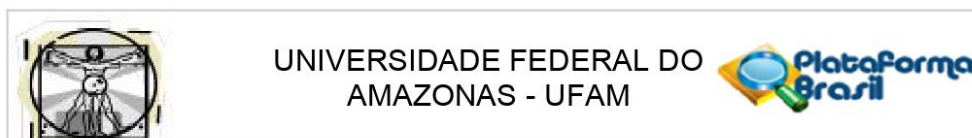
CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.594.008

Entrevista.pdf e questionario.pdf.

TCLE: ADEQUADO. O pesquisador atendeu a solicitação do Parecer Consubstanciado do Colegiado n. 6.555.371, de 05 de dezembro de 2023, o qual demandou "garantia de ressarcimento e o MODO como deverá ser realizado o ressarcimento das despesas do participante da pesquisa E DE SEU ACOMPANHANTE"; mencionou o já mencionado "direito a pedir indenizações e cobertura material para reparação a dano, causado pela pesquisa ao participante da pesquisa." (Resolução CNS nº 466 de 2012, IV.3.h, IV.4.c e V.7); além de expressar o que já estava expresso sobre "o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário (Itens II.3.1 e II.3.2, da Resolução CNS nº. 466 de 2012)".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Em razão do exposto, somos de parecer que o projeto seja APROVADO, visto ter atendido a legislação do sistema CEP/CONEP.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2238737.pdf	11/12/2023 15:56:00		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_VitorFerreira_ATUALIZADO.pdf	11/12/2023 15:55:04	VITOR CESAR BENTES DA COSTA FERREIRA	Aceito
Outros	CARTA_DE_RESPOSTA_AS_PENDENCIAS.pdf	11/12/2023 15:53:10	VITOR CESAR BENTES DA COSTA FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ATUALIZADO.pdf	11/12/2023 15:52:03	VITOR CESAR BENTES DA COSTA FERREIRA	Aceito
Outros	questionario.pdf	31/10/2023 16:57:20	VITOR CESAR BENTES DA COSTA FERREIRA	Aceito

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

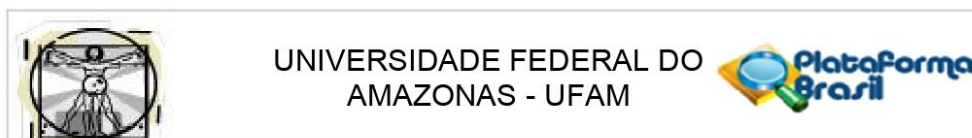
CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.594.008

Outros	Entrevista.pdf	31/10/2023 16:56:25	VITOR CESAR BENTES DA COSTA FERREIRA	Aceito
Outros	AnuenciaVitor.pdf	31/10/2023 16:55:48	VITOR CESAR BENTES DA COSTA FERREIRA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	31/10/2023 16:51:55	VITOR CESAR BENTES DA COSTA FERREIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 20 de Dezembro de 2023

Assinado por:

Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM


Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com

Anexo 2. Email da submissão do artigo em periódico científico.

[Estpsi] Agradecimento pela submissão Caixa de entrada x 🖨️ 📧

 **Raquel Souza Lobo Guzzo via Periódicos Científicos da PUC-Campinas** <pen-bounces@emnuv...> seg., 15 de abr., 14:28 ★ 😊 ↶ ⋮
para mim ▾

Vitor Ferreira:

Obrigado por submeter o manuscrito, "Parentalidade paterna no Brasil: Uma Revisão de Escopo" ao periódico Estudos de Psicologia. Com o sistema de gerenciamento de periódicos on-line que estamos usando, você poderá acompanhar seu progresso através do processo editorial efetuando login no site do periódico:

URL da Submissão: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/estpsi/authorDashboard/submission/12309>

Usuário:

Se você tiver alguma dúvida, entre em contato conosco. Agradecemos por considerar este periódico para publicar o seu trabalho.

Raquel Souza Lobo Guzzo
Estudos de Psicologia

Anexo 3. Link do Google Drive com as transcrições das entrevistas

Abaixo consta o link compartilhável das transcrições das entrevistas dos pais que participaram da pesquisa “Ser e sentir-se pai pela primeira vez”.

https://drive.google.com/drive/folders/1ULiyvAV3EZ_sPbJZ0ROQc7hcA-Unrzt4?usp=sharing.

O pesquisador responsável, Vitor Ferreira, se coloca à disposição.